

Na rota do rio Negro

Por Hiram Reis e Silva, Porto Alegre, RS, 16 de dezembro de 2009

*"É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias,
mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito,
que nem gozam muito, nem sofrem muito,
porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota".
(Theodore Roosevelt)*

Planejamento, treinamento, reveses, sucessos, um ano atípico, de condições climáticas extremamente adversas tornaram difícil a preparação física para esta fase que considero a mais complexa de nosso grande '*Projeto Aventura Desafiando o Rio-mar*'. Buscamos *inspiração* nos heróicos desbravadores do passado, *energia* nas entranhas de cada célula de nosso corpo e *tenacidade* em nossa alma inquieta. Hoje, quarta-feira, estou partindo para o Amazonas; na bagagem, além do material de acampamento, saúde, higiene, sensoriamento remoto, uma ansiedade me acompanhará, certamente, remada a remada até o momento em que aportar na praia do 2º Grupamento de Engenharia, em Manaus, no final de janeiro.

Transcrevo, abaixo, o texto de meu caro amigo, o Coronel Soriano, de quem sou profundo admirador. Esse texto que ilustra a capa de meu projeto de livro. É pena que as nossas atuais instituições de ensino não sejam capazes de, como ele, ter a capacidade de aquilatar a real importância e a grandeza do Projeto Rio-mar.

- Coronel Manoel Soriano Neto - Historiador Militar

O Coronel Hiram Reis e Silva, brilhante Oficial de Engenharia do Exército, Professor do Colégio Militar de Porto Alegre, é possuidor de muitas e invejáveis titulações civis e militares. Em seu apostolado cívico em prol da Amazônia, contabiliza vários trabalhos escritos, a par de inúmeras palestras proferidas, etc.

Entretanto, ele se fará conhecido, historicamente, pela concretização do Projeto-Aventura "Desafiando o Rio-Mar". E este precioso livro traz a lume o que foi tal aventura, desde o rigoroso treinamento no lago Guaíba, até o hercúleo desafio em arrostar mais de 1700 km (!) do rio Solimões e seus afluentes, de Tabatinga a Manaus, em caiaque, e por quase dois meses.

Este fantástico documento é uma verdadeira joia histórica, pois riquíssimo em valiosos ensinamentos. Ao perlustrarmos as suas páginas, somos conduzidos para a fruição de uma empolgante travessia, não em águas procelosas como as singradas, a remo, pelo autor, mas em um rio sereno, de encantadoras

narrativas acerca de aspectos fisiográficos, sociais e humanos, referentes a "brasis ainda sem Brasil". Tal como Orellana e Pedro Teixeira, no heroico pretérito, o Cel Hiram, pela epopeia há pouco realizada, acaba de consagrar, galhardamente, o seu ilustre nome em nossa historiografia, "ad perpetuum rei memoriam". Mas a obra não trata apenas da descrição do memorável percurso aquático, eis que relevantes questões históricas ("Pirara", Reservas Indígenas, etc) são muito bem abordadas no memorial, como um brado de alerta à cobiça de Nações hegemônicas sobre a nossa Amazônia.

Aduza-se, por derradeiro, que as belezas e lições entesouradas neste livro têm, outrossim, o condão de robustecer, de forma superlativa, o sentimento de brasilidade, o apreço à nossa Soberania e a relembração de nossos avoengos portugueses - "De nada a forte gente se temia" -, mote que se adapta, perfeitamente, à saga tão bem narrada, prenhe de audácia e coragem...

Que o excepcional labor deste belo historial, de forte conteúdo cívico-patriótico, da fecunda produção literária do bravo e renomado escritor, Cel Hiram, sirva de luzeiro àqueles que amam, de fato, a Terra em que nasceram, na inspiração do poeta-soldado Luiz Vaz de Camões: "Não me mandas contar estranha História. Mas mandas-me louvar dos meus a glória."

- Investidores

Desta vez, nosso estreito convés levará a bordo dezenas de parceiros que, apaixonadamente, investiram no projeto viabilizando-o. Partimos sem qualquer tipo de apoio de instituições públicas ou privadas, com olhos críticos de um naturalista, mas, sobretudo, com a visão de um patriota que, ao contrário dos viajantes estrangeiros do passado, sabe reconhecer e respeitar as belezas da cultura nativa.

Caros 'amigos investidores' tenham certeza que meus olhos serão os seus olhos que conosco se maravilharão com as belas praias de águas douradas do Negro e suas paisagens exuberantes. Cada remada, cada contração de minhas fibras musculares estará acompanhada de mais de uma centena de outros braços. Meu encantamento com a história, lendas e costumes será o 'nosso' encantamento.

Que o G:.A:.D:.U:. (Grande Arquiteto do Universo) vos abençoe, ilumine e guarde.

Partida para o Rio Negro

Por Hiram Reis e Silva, Manaus, Amazonas, 18 de dezembro de 2009.

"(...) o nosso 'faro' de historiador está rareando no seio dos que se dedicam a perlustrar o passado, para dele haurir ensinamentos. (...) Creio que o amigo, até por estar envolvido com a execução do memorável feito, não tenha ainda aquilatado a grandiosidade do 'Projeto Rio-Mar', já realizado (e ainda a se realizar!), como este seu admirador, que aferindo com sensibilidade prospectiva, à distância, 'do alto da janela', de forma cósmica, holística, o considera de superlativa magnitude histórica". (Coronel Manoel Soriano Neto)

Antes de minha partida para Manaus, eu havia dedicado grande parte do meu tempo à logística doméstica, na vã tentativa de minimizar um pouco as tarefas que seriam acumuladas pelos meus três queridos filhos. As despesas com enfermeiras, estoque de gêneros, remédios controlados e dieta tinham sido oportuna e perfeitamente equacionados.

O caiaque que uso nos treinamentos foi deixado aos cuidados de meu fiel escudeiro, o Cabo Dewite. As avarias sofridas no meu último embate com a Lagoa dos Patos tinham provocado sérias cicatrizes no casco, entortado o leme e precisavam ser reforçados e reparados. Eu ainda não desisti da travessia da Lagoa.

- O Vôo (16/12/2009)

O *check-in*, ao contrário do ano passado, foi rápido e eficiente, os funcionários da Gol-Varig foram bastante atenciosos e o vôo saiu exatamente no horário previsto. Eu havia escolhido um vôo (1725) com escalas em Curitiba, PR, Campo Grande, MS, Cuiabá, MT e Porto Velho, RO. Junto à janela eu pretendia, sempre que as nuvens permitissem, admirar a paisagem única dessa '*Terra Brasilis*'. Extasiado, eu admirava o ciclópico mosaico que se estendia até o horizonte. As formas regulares das matas nativas e das diversas culturas agrícolas lembravam um gigantesco quebra cabeças.

À medida que nos aproximávamos da linha do equador, as áreas de mata nativa se expandiam e as de plantações se contraíam. A devastação, que havia notado até o sul do estado de Rondônia, estancava na fronteira do estado do Amazonas, onde o solo formava uma bela e uniforme floresta primitiva.

A última escala de Porto Velho a Manaus permitiu-me admirar, por entre as nuvens, o belo traçado do rio Madeira. O belo contorno do rio e suas praias imaculadas me encantaram. A 3ª Fase do '*Projeto Rio-mar*', ainda em aberto, tem as seguintes opções; a Descida do Madeira, de Porto Velho até sua foz no Amazonas e daí até Itacoatiara, ou a descida de Manaus até Santarém, no Pará. A definição dependerá do apoio que recebermos para a execução da jornada.

A chegada em Manaus, depois de nove horas, seria antecipada em oito minutos, o que poderia ser considerado um recorde, considerando o número de escalas. A natureza, mais uma vez, resolveu mostrar quem manda, e uma chuva torrencial fez o piloto arremeter. O sobrevôo permitiu, mais uma vez, observar os gigantes aquáticos que teimavam em não misturar suas águas no monumental Amazonas e as extensas praias que se estendiam preguiçosamente ao longo das margens. Belas feridas provocadas por uma das mais sérias estiagens que assolou a região nas últimas décadas.

Nosso grande amigo, o Coronel Ebling, esperava-nos como havia prometido, e nos conduziu até o 2º Grupamento de Engenharia (2º Gpt E), onde ficaríamos alojados até seguir para São Gabriel da Cachoeira.

- Manaus (17/12/2009)

Uma viatura do Grupamento me conduziu até a 4ª Divisão de Levantamento (4ª DL), onde pretendíamos confirmar algumas coordenadas e outros dados sobre o rio Negro. Infelizmente, o Tenente-Coronel Clóvis Gaboardi, chefe da 4ª DL, nos informou que os dados estavam sendo processados por uma empresa terceirizada e que os mapas digitalizados só estariam disponíveis a partir de 2016.

Tentei, então, obter estas informações com o Centro de Embarcações no Comando Militar da Amazônia (CECMA). Graças aos ST James de Magalhães Melo, Sgt Solis Rodrigues e Sgt José Maurício Oliveira da Silveira, chefiados pelo Major Rommel Valério Menezes Brito da Silva, conseguimos transferir os dados do trajeto utilizado pelas embarcações de CECMA para o meu GPS.

No grupamento, após a instalação do programa do GPS, baixei o trajeto completo e, comparando com as fotografias aéreas, fui locando as referências mais importantes. Interrompi minha labuta apenas para cumprimentar o Gen Bda Lauro Luís Pires da Silva, novo comandante do 2º Gpt E, que estava recebendo a apresentação de seus comandados. O General Lauro é um velho amigo do tempo em que éramos instrutores do Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva (CPOR/PA).

- 2º Gpt E

"Narrar a história da Engenharia Militar na Amazônia é falar do 2º GECnst, com sede em Manaus/AM e suas Unidades de Engenharia de Construção, pois as duas histórias estão amalgamadas pelos objetivos de seu idealizador, o General-de-Exército Rodrigo Octávio Jordão Ramos, que já nos idos de 1970 vislumbrava

a importância fundamental de uma infra-estrutura viária para o desenvolvimento da Amazônia.

A Engenharia Militar tem como missão de promover meios para a defesa da região e, ao mesmo tempo, sua integração estratégica à vida brasileira. Desta forma, a engenharia militar aplica, diuturna e permanentemente, a sua peculiar dualidade: adestrar sua tropa operacional e tecnicamente, e, simultaneamente, cooperar com os programas de desenvolvimento regional.

As grandes distâncias, as dificuldades do apoio logístico, a impenetrabilidade da floresta, as características fisiográficas do terreno e o vulto das operações são desafios vencidos ombro-a-ombro, com a determinação e a perseverança peculiares do soldado-engenheiro.

Desde que iniciou suas atividades até os dias atuais, um grande acervo de obras e realizações se alinha entre as missões cumpridas pela Engenharia Verde-Oliva, destacando-se a construção de 90% das estradas federais existentes na Amazônia, a implantação de aeródromos, portos fluviais e construção de quartelamentos.

Além da execução de tão importantes trabalhos, a Engenharia Militar busca soluções tecnológicas para ultrapassar as dificuldades impostas pelas condições locais, participa ativamente da qualificação de jovens que prestam o Serviço Militar, facilitando sua reinserção no mercado de trabalho e coopera com o desenvolvimento das comunidades, visando o uso sustentável dos recursos locais e o fortalecimento da região onde atua, o que resulta em maior benefício social e segurança para a população". (Seção de Comunicação Social do 2º Gpt E)

- Passagem de comando do 2º Gpt E (18/12/2009)

Meu amigo e parceiro de jornada, Coronel André Flávio Teixeira, chegou à tarde e o acomodamos no alojamento de oficiais superiores do Grupamento.

O 2º Gpt E realizou, às 19h30min, a solenidade de Passagem de Comando do Coronel Carlos Alberto Borges Teixeira para o General-de-Brigada Lauro Luís Pires Da Silva. O General Lauro servia no Departamento Geral de Pessoal em Brasília/DF.

Tive a grata oportunidade de encontrar, neste dia, dois grandes amigos: o General Lauro e o General José Cláudio Fróes de Moraes. A expedição pelo rio Negro dava sinal, desde o início, de que as coisas transcorreriam de acordo com o planejado e com as bênçãos do Grande Arquiteto.

Projeto Sargento Agrário

Por Hiram Reis e Silva, Manaus, Amazonas, 20 de dezembro de 2009.

"Mais do que um simples plantador de hortaliças e criador de pequenos animais na área do quartel, ele tem de ser um técnico em assistência e extensão rural destinado a incentivar as comunidades no entorno dos Pelotões Especiais de Fronteira (PEFs) a estabelecer uma produção rural continuada e permanente". (General de Divisão Marco Aurélio Costa Vieira)

No dia 19 de dezembro, de manhã, eu e o Coronel Teixeira fomos até o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) onde se realiza, de quinze em quinze dias, a Feira de Produtos Regionais, para encontrar o '16', coronel da PM Leão, companheiro do Curso de Operações na Selva, em 1999.

- Feira de Produtos Regionais

Além da grata oportunidade de rever o velho amigo, pudemos, através do General Marco Aurélio e do coronel Lauro Pastor, conhecer de perto este projeto de iniciativa da Região Militar, que visa possibilitar a inclusão de produtos regionais no cardápio das Organizações Militares do Exército Brasileiro sediadas em Manaus e a comercialização desses produtos junto a população manauense, sem intermediários.

Desde fevereiro de 2008 a feira vem estimulando o consumo de produtos oriundos da agricultura regional, beneficiando os pequenos e médios produtores do Estado do Amazonas.

A parceria, inédita no País, conta com mais de sessenta expositores, que comercializam carnes, peixes, mel queijos, ovos, frutas, hortaliças e artesanato por preços bem mais acessíveis, beneficiando mais de três mil e quinhentas famílias ligadas à agricultura familiar.

Os Sargentos Agrários comparecem à feira com a missão de verificar a qualidade e o preço dos produtos.

- Amazônia! O eterno desafio!

"As hortas de Cucuí são todas suspensas em caixas feitas com paus roliços ou caixotes, algumas diretamente sobre o rio. Disseram-me que a pobreza do solo e o grande número de saúvas eram responsáveis por tal medida. Aliás já venho observando isso desde Barcelos acima. Nestas caixas, colocam apenas solo mais humoso, retirado do subosque da mata. Aqui em Cucuí até as bananeiras são cercadas, e no seu pé também é amontoada terra do subosque. (...) Assim é que um pé de feijão germina e cresce assustadoramente em poucos dias. Daí em diante, qualquer sol ou chuva mais forte, causa queima de suas folhas ou tombamento de sua haste. Chegado o momento de produzir, a planta já exauriu grande parte de suas reservas, sendo, dessa forma exígua a produção. Pensei também nessa lei natural tantas vezes observada na fazenda de meu pai, quando criança. Uma planta em solo muito favorável a seu cultivo, nem sempre era a que produzia mais. Assim é que nos arrozais plantados em terreno virgem cresciam assustadoramente e, na época do cacheamento, soltavam apenas uns poucos cachos raquíticos aqui e

acolá, logo tostados pelo sol ou mantidos sem granar por efeito das chuvas. Acredito que, no Amazonas, o fenômeno seja o mesmo, não tanto em relação ao adubo, porém em se considerando, sobretudo, a umidade e o calor".

(Dr. José Cândido de Melo Carvalho)

"O inusitado de servir e trabalhar na Amazônia é que, passados séculos, muitos dos desafios praticamente permanecem, a despeito de toda tecnologia, apesar dos novos conhecimentos que deveriam facilitar o dia a dia e em que pese o imenso esforço despendido pelos nossos antecessores.

Na verdade, a renovada vontade de conduzir esforços, projetos e programas, quase sempre tem sido vencida pela perversa solução de continuidade decorrente da democrática mudança de governos, em todos os níveis. Assim que inúmeras das iniciativas jamais saíram da fase embrionária, ou se perderam totalmente mesmo depois de concretizadas, pela falta de recursos dos planejamentos irrealis, ou pelo desinteresse daqueles dirigentes que elegeram suas próprias prioridades, criando-se assim várias ruínas de belos empreendimentos, abandonados ao longo de sucessivas administrações.

No campo militar não foi diferente, e os valorosos militares que nos antecederam também tiveram de contabilizar muitas frustrações, ainda que em menor escala, também frutos dessa descontinuada gestão através dos tempos. Mesmo os Pelotões Especiais de Fronteira (PEFs), cujas Comunidades do entorno sempre contaram com a organização, hierarquia e disciplina castrenses, a natural alternância periódica de pessoal ocasionou significativos hiatos administrativos, com profundos reflexos nas ações de subsistência e infra-estrutura, principalmente quanto aos sistemas de geração de energia, sistema viário e de saneamento básico!

Cientes do sofrimento dos nossos antecessores, louvando-se da experiência, do esforço e do exemplo incansável dos soldados que conquistaram e souberam manter a Amazônia, os militares da atualidade entendem que tem de mudar esse quadro.

Hoje, sabe-se que assegurar a permanência de recursos e a continuidade dos projetos são a certeza da garantia de uma qualidade de vida mínima para o militar e sua família, além de um desenvolvimento humano necessário à comunidade do entorno das Organizações Militares da Fronteira, aspectos fundamentais ao bom desempenho na missão constitucional do exército para a defesa da pátria.

Neste sentido, o exército vem implementando projetos empreendedores de longo prazo junto aos Grandes Comandos Operacionais da Amazônia Ocidental com responsabilidade sobre as Unidades na fronteira, observando como condição

básica a característica de disporem de mecanismos de defesa contra a solução de continuidade.

Um deles, justamente o pioneiro, apesar das dificuldades iniciais, já começa a fincar as suas raízes. Trata-se do chamado 'Projeto Sargento Agrário', fruto de uma idéia simples de aproveitamento de profissionais egressos da Escola Agrotécnica Federal de Manaus para o trabalho junto aos PEFs.

(...) Estrategicamente, o Sargento Agrário vai cumprir a sua missão quando obtiver a sustentabilidade do Pelotão e da comunidade, que inclusive poderá passar, em curto espaço de tempo, a fornecer gêneros para os militares e suas famílias.

Este é o desafio do Sargento Agrário". (General de Divisão Marco Aurélio Costa Vieira)

- VIDA, COMBATE E TRABALHO!

*"O Pelotão Especial de Fronteira (PEF) é uma Organização Militar com características diferenciadas. A missão de um PEF não se limita ao campo da atividade militar (**Combate**), mas inclui, necessariamente, atividades ligadas à sobrevivência (**Vida**) e à prestação de serviços diversos (**Trabalho**) em favor da Organização Militar e da Comunidade Civil, indígena ou não, das imediações do quartelamento.*

Pela sua localização em plena área de floresta Amazônica, os PEFs buscam desenvolver seus trabalhos observando fielmente o chamado tripé da sustentabilidade, a fim de garantir a preservação da floresta, da biodiversidade e da cultura local, quer seja ele indígena ou ribeirinha.

Amparado no tripé da sustentabilidade, a missão do PEF pode ser expressa pelo seguinte viés: VIDA, COMBATE E TRABALHO!

*A **VIDA** pode ser observada nos quesitos ligados às atividades de cultivo de hortaliças, da fruticultura, da piscicultura, na criação de pequenos animais, na preservação do meio ambiente e no bem-estar e lazer das famílias.*

*As atividades de **COMBATE** podem ser observadas na instrução militar, nos exercícios de adestramento da tropa, no patrulhamento e no reconhecimento da área de fronteira do estado do Amazonas, além da defesa do quartelamento e de combate a incêndio.*

No quesito **TRABALHO** são desenvolvidas atividades de manutenção das instalações, dos equipamentos, atividades de saúde e serviços diversos. Junto às Comunidades desenvolvem-se trabalhos de preservação da cultura, preservando as etnias indígenas, apoio em serviços de transporte e evacuação aeromédica.

Os PEFs desenvolvem um papel de relevância nas comunidades fronteiriças contribuindo não só para a defesa nacional, mas também no apoio àquelas populações distantes dos benefícios públicos. E é nesse ambiente que os Sargentos Agrários desenvolvem seu trabalho, servindo de importante elo de ligação entre o Pelotão e a Comunidade". (Ten Cel R/1 Lauro Pastor)

Fonte: CARVALHO, José Cândido de Melo - Notas de viagem ao Rio Negro - Brasil, São Paulo, 1983 - Edições GRD

Partida para São Gabriel da Cachoeira

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva – São Gabriel da Cachoeira, AM (22/Dez/2009)

No domingo (20/12/09), participamos do almoço de despedida do General-de-Divisão Marco Aurélio, realizado na Companhia de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA). Percebemos o carinho e o respeito dos oficiais e praças para com o notável comandante.

Na segunda-feira (21/12/09), assistimos a uma palestra do Gen. Marco Aurélio, em que ele apresentou os diversos projetos do COJEAC (Comitê Gestor de Ações Conjuntas), desenvolvidos em parceria com órgãos dos governos federal, estadual e municipal.

SUSTO NO EMBARQUE

Após a palestra, dirigimo-nos ao aeroporto. No *chek-in* fui surpreendido com a notícia de que o remo talvez não coubesse no compartimento de carga. Embarcamos sem ter maiores notícias sobre o remo. A chuva deu uma trégua depois que nos afastamos de Manaus, permitindo, em algumas oportunidades, admirar as belas praias do Rio Negro, que começa pouco a pouco a ganhar volume. Os belos afluentes da margem direita do Negro serpenteavam até a linha do horizonte. Os lagos em forma de ferradura e os inúmeros furos davam um encanto especial ao sutil traçado que mais parecia obra de uma rendeira celestial.

Depois de duas horas de viagem avistamos o Rio Negro, a uns 70 km a Este de São Gabriel da Cachoeira. As suaves corredeiras, as ilhas, as praias imaculadas e as rochas encantavam. Uma sensação mágica tomava conta de mim, uma estranha sensação, como se eu já tivesse singrado aquelas revoltas águas acompanhando um Boanerges ou um Rondon. Nos relatos desses bravos brasileiros, eu já arrastara canoas pelas traiçoeiras corredeiras, demarcara fronteiras, assinalava presença do Brasil nessas terras sem Brasil.

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA – o município que faz fronteira com a Colômbia e a Venezuela está a uma distância de 858 quilômetros da capital Manaus. É considerado um dos maiores potenciais turísticos do Estado do Amazonas.

Quando descemos do avião, o Cel. Teixeira avistou o remo entre as bagagens, tranquilizando-me.

O General Rosas, comandante da 2ª. Brigada de Infantaria de Selva, havia determinado uma equipe de apoio que nos levou até o Círculo Militar do Alto Solimões. O hotel permite que se avistem imagens incomparáveis do Rio Negro, emolduradas ao fundo pela Serra da Bela Adormecida.

São Gabriel da Cachoeira

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva – São Gabriel da Cachoeira, AM (23/Dez/2009)

Hoje, 22 de dezembro, apresentamo-nos ao General Rosas, atual comandante da 2ª. Brigada de Infantaria de Selva, e já nomeado para a chefia do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia. Depois de um longo e agradável bate-papo, fomos até a 21ª Companhia de Engenharia de Construção, comandada pelo Major Vidal, onde conversamos longamente com os irmãos de arma e fizemos questão de verificar o nosso caiaque, que estava no almoxarifado da Companhia.

Meu parceiro de jornada do Solimões aparentemente estava em condições de enfrentar as águas pretas do Rio Negro. Chequei o material de reparo, fibras de resina, comprado pelo Cel Ebling em Manaus.

Guiados pelo motorista do Comandante da Companhia, realizamos um *tour* pela cidade. Na delegacia, paramos para fazer contato com o Comandante do Destacamento da Polícia Militar, Capitão PM Lamonge. O Capitão encontrava-se em Manaus e o destacamento estava sobre o comando do Soldado PM Heleno. O Heleno encarregou-se de estabelecer os contatos necessários para conseguir uma 'voadeira' para o deslocamento do Cel Teixeira. Este então embarcou na viatura da PM com o Heleno e eu continuei com o motorista da Companhia.

Fomos até a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro 'FOIRN'. A bela construção de madeira guarda no seu interior belas peças de artesanato de diversas etnias indígenas do Alto Rio Negro. Um conjunto em especial me chamou a atenção: a cestaria Daniwa, cuja harmonia de formas e cores se destacava dentre todos.

Cestaria Daniwa

As grandes cestas são, originalmente, usadas para armazenar alimentos e roupas. Para fins comerciais, são enfeitadas com grafismos coloridos.

A cestaria de arumã é realizada pelos homens. O arumã, de colmos lisos e retos tem sua superfície flexível e permite o corte de finas fibras que são trançadas para formar as cestas. As fibras, sem qualquer tratamento, são usadas na manufatura de cestas mais resistentes. As cestas coloridas exigem um processo trabalhoso que inclui o uso de fixadores extraídos da entrecasca do Ingá e de outras árvores, que é misturado aos pigmentos desejados.

Morro da Fortaleza

Após a visita à FOIRN, dirigimo-nos ao Morro da Fortaleza.

Reproduzimos o texto abaixo do então Capitão Boanerges, quando em missão de demarcação de fronteiras setembro/1928

"Fizemos uma excursão às ruínas do Forte São Gabriel, onde só vimos 8 canhões de ferro abandonados, do tempo de D. Maria I. Foi, com efeito, bem escolhida a posição em que existiu o Forte. Como se sabe, foi mandado construir pelo governador do Pará, Manuel Bernardo de Melo e Castro, em 1763, a fim de evitar incursão de espanhóis procedentes das Províncias da Venezuela e Nova Granada. O Forte, colocado à margem esquerda, a cavaleiro do ponto em que o rio se estrangula reduzido a 370 metros de largura, dominava os dois grandes estirões. Tinha a forma de uma luneta, de figura irregular, cuja gola – que é uma frente abaluartada, - defronte com o rio. Nada mais resta do forte, a não ser os 8 canhões citados". (Sousa)

Três se encontram hoje na Segunda Brigada e outros três no Quinto Batalhão de Infantaria de Selva.

Nesse local tirei, mais tarde, várias fotos com o Cel Teixeira do alto da caixa d'água da Cosana.

23/12/2009

O major Vidal providenciou para que o caiaque fosse trazido até o Circulo Militar, onde eu e o Cel Teixeira iniciamos sua manutenção. O Teixeira notou um pequeno dano no compartimento de popa, que foi devidamente resolvido por mim com o material de reparo.

Para evitar os problemas que enfrentei no Solimões com o nome do caiaque, Opium, e suas cores azul e amarelo que lembram a bandeira colombiana, resolvi raspar o 'O' de Opium e agora navego com o modelo 'pium' mais adequado ao contexto amazônico.

Na hora do almoço, o Soldado PM Cavaleiro acertou com o Cel Teixeira o deslocamento da sua 'voadeira' pilotada pelo senhor Osmarino, de São Gabriel até Manaus.

Missão salesiana

Na Missão entrevistamos o bispo emérito Walter Ivan de Azevedo. Nascido em São Paulo, trabalhou durante oito anos em Santa Catarina e São Paulo em colégios, desenvolvendo trabalhos com a juventude.

"Sempre tive intenção e desejo de trabalhar como missionário.

Os superiores, então, me mandaram para a Europa fazer o curso de missionário que é antropologia cultural aplicada a envagelização. Permaneci dois anos e mais

tarde, um ano me doutorando nessa matéria em Roma. Na Pontifícia Universidade Gregoriana e doutorado na Urbaniana. Fui então para as missões e foi bom porque além de ter um pouco de experiência em visitas com jovens junto às tribos no Mato Grosso, tinha também esse cabedal teórico ou digamos assim: fundamental e científico para abordar as missões.

Vim para cá, primeiro como simples missionário em Rondônia, por quatro anos. A partir de 1976. Depois desse período me fizeram inspetor provincial dos salesianos da Amazônia. Visitando as casas paroquiais do Pará, Amazonas e Rondônia, pude conhecer bem a Amazônia. Depois de seis anos de inspetor me fizeram bispo dessa região (SGC) que é uma região onde os habitantes são 90% indígenas e a maior parte dos outros caboclos, de modo que eu estava no meu ambiente mesmo. Trabalhei aqui como bispo diocesano e depois como emérito durante 20 anos. Nesses últimos três anos estou trabalhando com seminaristas em Manaus que são os futuros missionários, quando eu tenho tempo, uma vez por ano, eu fujo para cá para continuar minhas visitas a aldeias, principalmente a nação ianomâmi que é a mais primitiva ou seja, aquela que teve contato mais recente com os civilizados.”

O bispo editou diversos livros, dentre os quais 'Pinceladas de Luz na Floresta Amazônica' que reproduzirei, oportunamente, alguns trechos no meu livro sobre o Rio Negro. O livro não é uma narrativa de viagens, muito menos a biografia de um missionário; é tudo aquilo que Dom Walter conheceu de bom e de belo na natureza, mostrando, principalmente, o homem da Amazônia.

Fontes:

BOANERGES, Lopes de Sousa – **Do Rio Negro ao Orenoco** - Brasil, Rio de Janeiro, 1959 – Ministério da Agricultura – Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

SGC - Tapuracuara Mirim

Por Hiram Reis e Silva, Santa Isabel do Rio negro, AM, 29 de dezembro de 2009

Um desencontro de informações e tivemos de remarcar a saída do dia 24 para 25 de dezembro. O positivo deste atraso é que consegui fazer o 'upload' das fotos tiradas em São Gabriel da Cachoeira (SGC), fotografar a Missão Salesiana e mergulhar nas águas do Rio Negro.

*Olha esta água, que é negra como tinta.
Posta nas mãos, é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto. (Quintino Cunha)*

- Partida (25 de dezembro)

Às 4h45min a viatura do Exército estacionou na porta de nosso apartamento no Círculo Militar do Alto Rio Negro; como o material já estava perfeitamente embalado, o carregamento foi rápido. O Coronel Teixeira embarcou na boléia com os militares e eu preferi cuidar de meu caiaque, viajando na carroceria. O deslocamento foi rápido até o porto de Camanaus, a estrada asfaltada pela 21ª Companhia de Engenharia de Construção estava em boas condições. Descemos o caiaque e carreguei, cuidadosamente, o material no mesmo.

Parti às 5h50min, o sol ainda não havia aparecido no horizonte, mas a tênue claridade era suficiente para que eu pudesse avistar as rochas e desviar delas em tempo. Minha equipe de apoio capitaneada pelo Coronel Teixeira partiria no dia seguinte e nos encontraríamos, se tudo desse certo, a jusante da Ilha de Aracabu.

O alvorecer no Negro era totalmente diferente do Solimões. Não havia a gloriosa sinfonia de pássaros acompanhada pelo soturno coral de guaribas (bugios) ao fundo. O sol não demorou a surgir; a popa apontava diretamente para o astro rei e tive de colocar os óculos de sombra. O amanhecer no Negro lembrava o do Purus. As imagens perpassavam pela minha mente numa fantástica velocidade e eu, ora mergulhando no passado, ora no presente, viajava ao sabor dos acontecimentos de outrora misturados às cenas de agora. Minha memória recolhia fragmentos das passagens de um Alexandre Rodrigues Ferreira.

- Alexandre Rodrigues Ferreira

Penetrou na embocadura do Rio Negro, em 13 de Fevereiro de 1785, e rumou até a Vila de Barcelos, situada na margem direita do rio, 496 quilômetros à montante, aonde chegou no dia 2 de Março. Rodrigues Ferreira montou, aí, sua base de operações. Partiu de Barcelos a 20 de Agosto de 1785 e continuou a subir o Rio Negro, alcançando, em 14 de Novembro, a Fortaleza de São José de Marabitanas, limite extremo do domínio português. Durante o trajeto explorou diversos afluentes e visitou inúmeras povoações, recolhendo farto material de estudo. Uma semana depois retomou a Barcelos em 7 de Janeiro de 1786.

Empreendeu uma nova excursão, depois de refeito da viagem ao Alto Rio Negro. A 23 de Abril de 1786, desceu o rio, atingiu a foz do Rio Branco; subiu-o, ultrapassando a Fortaleza de São Joaquim, onde permaneceu algum tempo, convalescendo. Explorou diversos afluentes do Branco e regressou à base de operações, chegando a esta em 3 de Agosto de 1786.

Na expectativa de instruções da metrópole de além-mar, quanto à nova meta a ser atingida, permaneceu na base de Barcelos até 1788. Nesse período, realizou diversas jornadas no entorno da base, explorando as matas do Rio Negro, e determinou que o botânico Agostinho do Cabo explorasse o trecho do Solimões, até a altura do primeiro pesqueiro (290 quilômetros). Finalmente, após receber determinações expressas de Portugal, deixou a expedição a Vila de Barcelos em 27 de Agosto de 1788, em direção ao Rio Madeira.

- Comunidade Tapuracuara Mirim

"Ferreira menciona mais de 60 grupos indígenas, a que faltava até mesmo a identidade lingüística, com os seus variados dialetos. E como as povoações nem sempre se constituíam de famílias da mesma origem, em cada uma delas se ouviam vozes políglotas, interpretativas do linguajar de cada componente etnográfica.

Depois, examina-lhes as superstições, os costumes, os ornatos, bailes, instrumentos de toda espécie.

(José Pereira da Silva)

Ao sul da ilha de Aracabu, aportei na comunidade Tapuracuara Mirim. Os adultos me olhavam com certa desconfiança e logo descobri a razão, as garrafas de cachaça atiradas pela aldeia. As festividades de Natal há muitos anos eram regadas a caxiri e agora pelo produto manufaturado pago regamente aos regatões.

Caxiri - para preparar o caxiri deve-se descascar e lavar a macaxeira e cortá-la em pequenos cubos que são colocados numa panela com água e cobertos com folhas de

bananeira, para cozinhar. Após o cozimento, amassa-se bem a macaxeira com uma colher de madeira e deixa-se a massa esfriar. Depois a macaxeira cozida é triturada até que adquira a consistência de uma pasta. Côa-se a pasta. Acrescenta-se um pouco de água, e a caxiri está pronta para ser consumida. O grau de fermentação depende do tempo destinado a isso; quanto mais tempo, maior o teor alcoólico.

Depois de convencer o vice-cacique José Vicente Pena que não era um fiscal da FUNAI e sim um pesquisador, a desconfiança se dissipou e ele ordenou que o caiaque fosse transportado até sua casa, onde fiquei hospedado em um anexo. Embora os líderes das diversas comunidades que encontrei ao longo do percurso fossem de origem tucana, cada uma das comunidades guarda no seu seio diversas etnias que acabam miscigenando entre si. Existe um certo ressentimento das demais etnias em relação aos tucanos, já que sendo maioria sempre, por votação ocuparão cargos de liderança nas comunidades.

Comprei um pedaço de carne de porco moqueada e a esposa do Professor Agostinho, irmão do vice-cacique, preparou o jantar com um pouco de arroz e dois pacotes de massa que forneci. Comprei, do regatão estacionado na frente da comunidade, um refrigerante de dois litros a R\$ 5,00.

"(...) O bufarinheiro conhecido nas cidades por teque-teque chama-se, no interior, regatão; somente, em lugar de transportar nas costas – pitoresco atlas da quinquilharia – o mundo de miudezas, transporta-o no bojo de uma galeota que desloca duas, três, quatro toneladas, dividida em seções de secos e molhados e tiradas a remo de faia. (...) Ninguém labuta mais arriscadamente do que ele no vale, rodeado de inimigos, cercado de perigos. Nada o faz, entretanto, esmorecer ou recuar, e, afrontando a própria morte, sobe aos últimos manadeiros para extorquir uma bola de borracha e vender algumas garrafas de cachaça".

(Raymundo Moraes)

Tapuracuara Mirim - Maçarabi

Por Hiram Reis e Silva, Santa Isabel do Rio negro, AM, 29 de dezembro de 2009

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Acordei às 5h30min e comecei a desmontar o acampamento e arrumar os sacos de viagem. Encontrei a comunidade toda fazendo a higiene matinal. Despedimo-nos e deixei avisado que, se a equipe de apoio aparecesse por ali, eu pretendia pernoitar na comunidade de Maçarabi. Escolhi essa comunidade tendo em vista que o mapa que eu conseguira com o Instituto Sócio-Ambiental (ISA) anunciava que lá eu poderia fazer uso de um telefone, para me comunicar com meus familiares e equipe de apoio em Porto Alegre.

- Partida (26 de dezembro)

O deslocamento solitário nos remete à reflexão. Mergulhado, literalmente, na selva tropical, eu ouvia somente o ruído das pás dos remos golpeando as serenas águas do dolente Negro. As paisagens se sucediam como numa caprichosa exposição fotográfica em que entes celestiais procuravam expor suas mais belas imagens. Tinha arbitrado parar nas lindíssimas praias, e a escolha não estava sendo fácil. As festas de Natal, regadas a muita bebida, tinham deixado, apenas para mim, aquela imensidão aquática. As comunidades ainda se ressentiam das ressacas pagãs dos festejos natalinos.

- Comunidade Maçarabi

A comunidade Maçarabi está encravada em altos rochedos na margem meridional do Negro. A visão do alto das rochas é formidável. As diversas ilhas com suas rochas, vegetação e praias nos remetem a uma Amazônica Polinésia. O ruído das inúmeras corredeiras quebra a monotonia silenciosa que envolve o Negro. Contatei o Capitão, graças a Dona Isabel, e este autorizou que eu me estabelecesse na Casa de Apoio. A Casa de Apoio estava localizada atrás das caprichosas instalações da FUNASA. Infelizmente o telefone não funcionava e não consegui estabelecer contato com o meu pessoal.

- Lenda dos Bares

"A teia aracnídea das lendas amazônicas, vasta e complicada, cômica e trágica, tanto mais extraordinária quanto envolta no mistério, é originária de todos quadrantes do globo. (...) Em cada ponto da planície equinocial, no ocidente ou no oriente, nas colinas do sul ou nas serras do norte, inventadas pelo aborígine, trazidas pelo africano, espalhadas pelo português, divulgadas pelo forasteiro, ingênuas, inverossímeis, risonhas, tenebrosas – as histórias dos animais e das sereias, dos gnomos e dos pajés empolgam a imaginação fecunda, plástica da gente que erra no Vale". (Raymundo Moraes)

Dona Isabel, da etnia Baré, apareceu, mais tarde, para conversar. Viúva, ela morava com a filha e estava desiludida com a maneira de se festajar o Natal nas comunidades. Provoquei-a, para que me narrasse a lenda da origem do povo Baré. As coincidências de relatos me levaram a eleger uma das lendas coletadas por mim, há algum tempo, cujo autor, Braz de Oliveira França, apresenta com certa coerência a origem do povo Baré.

"Antigamente, ainda no início do mundo, entrou no rio Negro, vindo do rio maior, um grande navio, cheio de gentes no seu interior, e cada um com seu par. Apenas um homem viajava nesse mesmo navio, pelo lado de fora, pois ele não foi aceito na sua parte interna por não estar acompanhado. Ao passar pela foz do rio Negro, viajava tão próximo das suas margens que os passageiros viram que havia muitas pessoas na beira, inclusive o homem que viajava pelo lado de fora, que, não resistindo à tentação, logo se jogou para fora e nadou para aquele local. Ao alcançar o solo, ele foi agarrado por um grupo de mulheres guerreiras que tinham o costume de aceitar apenas mulheres em seu grupo. Quando tinham necessidade de ter filhos, aprisionavam machos de outras tribos e dessa relação, se nascesse filha mulher, elas criavam, e, se fosse homem, elas o matavam. Esse seria o destino do homem que nadou até a margem, para quem deram o nome de 'Mira-bóia' (Gente-Cobra), se não fosse sua estrutura física ser um pouco diferente das que elas já conheciam. Por isso, resolveram poupar-lhe a vida depois de terem submetido 'Mira-bóia' a um rigoroso teste de masculinidade. As guerreiras, então, prepararam uma grande festa na primeira Lua Cheia. Enorme fogueira no centro do pátio foi feita, muitas frutas e mel silvestre foram coletados. A festa com os seus rituais rolaram durante oito dias. No seu final, o grupo tomou a seguinte decisão: 'Mira-bóia' ficaria morando com um grupo com a condição de gerar um filho com cada uma delas. Teria que dormir três noites com uma mulher que estivesse na época do seu período fértil. Terminada essa missão, ele seria executado, assim como todo filho que nascesse homem. 'Mira-bóia' então passou a conviver com o grupo por um longo período, nessas condições, até que gerasse filho com a última mulher, e essa última era a 'Tipa' (Rouxinol), uma jovem muito bela que estava no primeiro período de menstruação. Ela, por ser a mais nova, a mais bonita e muito querida pelo grupo, teve o privilégio de morar com Mira-bóia até que sua gestação aparecesse visualmente para o resto do grupo. Devido a isso, Tipa e Mira-bóia passaram a viver a dois e, quando ela se percebeu gestante, descobriu-se também perdidamente apaixonada pelo companheiro.

O mesmo aconteceu com Mira-bóia. Como o destino do nosso herói seria a morte, ela conseguiu convencer o seu já considerado marido para uma dupla fuga. No primeiro período de Lua Nova, ele e ela fugiram, aproveitando o momento em que as guerreiras saíram para caçar e coletar mel e frutas que serviriam de consumo nos dias da festa de execução do homem, aquele que dera para o grupo muitas guerreiras de sua geração. Foram viver distante dos demais grupos. Acredita-se que esse local tenha sido nas proximidades de Muram, no baixo rio Negro. Depois de mais ou menos 30 anos, a família já estava grande. Tipa e 'Mira-bóia', todos os dias, pela tarde, curtiam sua felicidade juntos com os filhos e as filhas de sua geração. Com isso, eles viram que podiam ser uma família muito maior. Foi, assim, que Tupana ordenou que viesse até eles o seu mensageiro, Purnaminari, para lhes dizer o seguinte: 'Aquilo que vocês estão pensando agrada a Tupana. Por isto, ela me enviou, para ensinar vocês a trabalhar e a garantir a comida de todos os dias'. Purnaminari, então, passou a morar com eles por um longo período, ensinando-os a fazer canoa, remo, roça, armadilha para pegar caça, peixe e treinar o novo grupo para guerra. Quando o pequeno grupo já sabia de tudo que lhe foi ensinado, ele organizou uma grande festa com Dabucury, Adaby e Curiamã, a fim de preparar o povo na sua caminhada, dizendo: 'Agora que vocês já sabem de tudo que eu lhes ensinei para viver, voltem para a terra de Tipa e tomem todas as mulheres do seu antigo grupo, para serem mulheres de vocês. Dessa forma, vocês serão grandes, respeitados e conhecidos por Baré-mira (povo Baré)'. Purnaminari, o mensageiro de Tupana, voltou várias vezes para visitar e instruir seu povo. O grupo cresceu bastante a ponto de dominar totalmente a região do baixo e médio rio Negro. Ao chegarem a Cachoeira de Tawa (São Gabriel), permaneceram ali até que Purnaminari decidisse o novo destino do seu povo. No entanto, nessa cachoeira Kurukui e Bururi desentenderam-se e brigaram muito entre si. Por isso resolveram separar-se, ficando Kurukui de um lado e Buburi de outro lado do rio. Essa separação acabou provocando desobediência às regras de Purnaminari, que ordenou ao povo não se misturar com outros grupos, porém Kurukui e Baburi acharam que, para poder aumentar os seus grupos, eles tinham que ter muitas mulheres. Foi quando eles guerrearam com grupos menores, para tomar suas mulheres e se multiplicarem. Assim Tipa e 'Mira-bóia' fizeram e conseguiram serem pais de um grande povo que, até a chegada dos 'brancos', habitava o rio Negro, desde a foz até as cachoeiras. (Braz de Oliveira França)

Maçarabi - Santa Isabel

Por Hiram Reis e Silva, Santa Isabel do Rio Negro, AM, 29 de dezembro de 2009

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Parti às sete horas com a intenção de atingir a Comunidade Boa Vista que, também, segundo o mapa do ISA, possui telefone. Durante todo o trajeto, avistei apenas três outras pequenas embarcações cruzando o rio e pouco ou nenhum movimento nas raras comunidades. Grandes bancos de areia me fizeram desviar, por mais de uma vez, da rota planejada. Em cada parada eu me refrescava nas águas cor de chá do Negro, recuperando a energia.

Continuava comparando as fotografias aéreas do Google com o terreno, sem qualquer dificuldade, até chegar ao mapa de número doze. A fotografia aérea estava tomada por nuvens não permitindo avaliar o formato das ilhas ou furos. Marquei o rumo e segui remando. Devo ter entrado em um furo diferente e saí a montante do planejado, avistando algumas ilhas não previstas. Resolvi não arriscar, pois, se ultrapassasse a Comunidade Boa Vista, só chegaria, à noite, à próxima aldeia.

Avistei uma cabana numa prainha a montante do ponto em que me encontrava. Remei forte contra a correnteza e aportei, exausto, no sítio do senhor Manoel Menezes, da etnia Tuiuca. Menezes informou-me que Boa Vista ficava perto, mas eu não estava em condições de continuar.

- Manoel Menezes, um contador de estórias

Montei meu acampamento sob uma rala cobertura de palha e, depois de tomar um revigorante banho e ingerir uma porção de macarrão, crua, estava pronto para descansar. Fiquei conversando, ou melhor, diria, ouvindo meu novo amigo. Falou ininterruptamente sobre a língua geral, das dificuldades para manter seu roçado, de sua vida desde Pari da Cachoeira até as cercanias de Boa Vista, da preparação do caxiri ...

Deixei uns comprimidos para gripe com um dos quatro netos do Sr. Manoel e todo meu estoque de massa. A penúria daquela gente era muito grande. Tinham apenas farinha de mandioca para comer.

- Encontro com a equipe de apoio

Parti às sete horas, já que o trecho a percorrer era mais curto que os demais. Quando ia passando pelo largo da Comunidade Boa Vista, ouvi o Coronel Teixeira me chamando e apontei a proa para a origem dos gritos. Foi bom avistar, pela primeira vez, minha equipe de apoio. Já estava achando que desceria sozinho o Negro. A embarcação usada pela dupla de apoio, porém, era de assustar, feita de um único tronco, seu fundo arredondado não tinha qualquer estabilidade e somente, graças à destreza do piloto, é que se mantinha à flor d'água.

Pedi ao Teixeira que fosse buscar minha bússola, que esquecera na casa do Tuiuca Manoel. Parti antes do seu retorno, tendo em vista que o meu deslocamento era muito lento em relação ao barco da equipe.

A viagem transcorreu sem alterações, e, ao meio dia, numa pequena praia, degustei um peixe pescado e preparado pelo nosso piloto, acompanhado de arroz. A tranquilidade de ter por perto uma equipe de apoio para atender a essas necessidades básicas era confortante. Depois do almoço, seguimos para Santa Isabel.

- Santa Isabel do Rio Negro

A vista da cidade é a mais bela que tive a oportunidade de ver desde o Solimões. A Igreja, o novo Hospital, a Missão e um belo jardim compõem um agradável conjunto para quem chega pelo rio, vindo do norte. Transcrevo, abaixo, alguns dados da Biblioteca Virtual do Amazonas sobre o Município.

Aspectos Históricos

"Após a expulsão dos jesuítas da Amazônia, em 1661, o povoamento do rio Negro é relativo, a partir de 1695, com a chegada de religiosos de outras congregações, que, com a finalidade de catequizar os índios, vieram fundando vários povoados ao longo do rio. Em 1728 é fundada a Missão de Nossa Senhora da Conceição de Mariuá, berço da atual cidade de Barcelos. Em 1760, estabelece-se um destacamento militar e, em seguida se constrói um forte no local onde hoje é a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Toda a região constitui, então, a capitania de São José do Rio Negro, com sede em Barcelos.

Aproximadamente meio caminho entre Barcelos e São Gabriel da Cachoeira, floresce a povoação da Ilha Grande, à margem direita do rio e defronte a essa incidência geográfica que lhe deu o nome. Em 1931, quando é definitivamente restaurado o município de Barcelos, a região do atual município de Santa Isabel do Rio Negro fazia parte de seu território. Em 29.12.1956 pelo desmembramento determinado pela Lei Estadual nº 117, é criado o Município de Santa Isabel do Rio Negro, com sede na vila, antigamente chamada Ilha Grande. Em 04.06.1968, pela Lei Federal nº 5.449, o município é enquadrado como Área de Segurança Nacional. Em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional nº 12, Santa Isabel do Rio Negro perde parte de seu território em favor do novo município de Bittencourt.

- Agricultura: *suporte econômico do setor absorve a maior parte da mão-de-obra local; com destaque para a mandioca, abacaxi, arroz, cana-de-açúcar, feijão e milho. E nas culturas permanentes destacam-se: abacate, laranja, coco, banana, limão, manga e tangerina, ao nível de subsistência.*

- Pecuária: *não tem representatividade para a formação econômica do setor, registrando-se pequenas criações de bovinos, suínos e bufalinos.*

- Pesca e Avicultura: *é praticada em moldes artesanais e sua produção é voltada para o consumo familiar. Não incrementa economicamente o setor primário.*

- Extrativismo Vegetal: *aparece em pequena escala, baseando-se na exploração de gomas não-elástica. Aparecendo num plano mais distanciado, estão a castanha, a piaçaba e borracha".*

Santa Isabel do Rio Negro

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, AM, 05 de janeiro de 2009

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

No dia 30 de dezembro, conseguimos contatar o chefe de gabinete da Prefeita, senhor Rosalino de Vasconcelos Lima. Gentilmente, Rosalino nos cedeu um CD com os dados do município, que transcrevemos abaixo, com ligeiras alterações.

- Caracterização da área

"Santa Isabel do Rio Negro tem seus limites assim definidos:

- 1. Com o município de **Barcelos** – começa nas cabeceiras do Rio Marari na serra de Tapirapecó, desse o Rio por sua linha mediana, até alcançar sua confluência com o rio Padaurí, desse o rio por sua linha mediana, até alcançar confluência com a margem esquerda do Rio Negro, desse rio subindo por essa margem até alcançar a confluência do Rio Darahá; dessa confluência por uma linha, até alcançar a confluência do Rio Jurubaxí com a margem do Rio Negro; Rio Jurubaxí, desse igarapé, por sua linha mediana até alcançar sua cabeceira, no divisor de águas do Rio Negro e Japurá.*
- 2. Com o município de **Maraã**, começa nas cabeceiras do igarapé Catuá, no divisor de águas do Rio Negro, Japurá, desse divisor, para noroeste, até alcançar sua interseção com o meridiano de 66° WGr (sessenta e seis graus oeste de Greenwich).*
- 3. Com o município de **Japurá** – começa na interseção do meridiano de 66°WGr (sessenta e seis graus oeste de Greenwich), com o divisor de águas do Rio Negro e Japurá, desse divisor, para o oeste até alcançar sua interseção com o divisor de águas Rios Marié e Enuixí.*
- 4. Com o município de **São Gabriel da Cachoeira** – começa na interseção do divisor de águas Rios Negro e Japurá com o divisor de águas Rio Marié-enuixí, do divisor de águas Rios Marié e Enuixí até alcançar a interseção do divisor de águas dos Rios Negro e Teia, desse divisor até alcançar a cabeceira do Rio Bucoa, desse Rio, por sua linha mediana, até sua confluência com a margem direita até sua interseção com o meridiano que passa na foz do Rio Cauburí, com a margem do Rio Negro, desse meridiano para o norte até a foz do Rio Cauburí, desse rio por sua linha mediana, até*

alcançar o canal Maturacá, desse canal até alcançar o limite com a República da Venezuela.

5. Com a República da **Venezuela** – começa no marco de fronteiras, próximo ao canal de Maturacá, desse marco, por sua linha geodésia, até alcançar o marco de fronteira na serra da Neblina com 960 metros de cota aproximada, desse divisor de águas rios Yatuá-Cauburí, para noroeste até alcançar as cabeceiras do rio Cauburí, dessas cabeceiras pelo divisor de águas Rios Marauiá e Sipá, pela serra e depois pelo divisor de águas Marauiá Mavaca até alcançar as cabeceiras do Rio Mararí na serra de Tapirapécó, ficando o Pico da Neblina para o município de Santa Isabel do Rio Negro”.

- Histórico do Município

“Após a expulsão dos Jesuítas da Amazônia, em 19661, o povoamento do Rio Negro é reativada, a partir de 1985, com a chegada de religiosos de outras congregações que, com a finalidade de catequizar os índios, vão fundado vários povoados ao longo do Rio. Em 1728 é fundada a Missão Nossa Senhora da Conceição de Mariuá, berço da atual cidade de Barcelos.

Em 1769 estabelece-se um destacamento militar e, em seguida, se constrói um forte no local onde hoje é a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Toda a região constituía então a Capitania de São José do Rio Negro, com sede em Barcelos. A meio caminho entre Barcelos e São Gabriel da Cachoeira, floresce a povoação de Ilha Grande, à margem direita do Rio Negro, defronte a essa incidência geográfica que lhe deu o nome.

Em 1931, quando definitivamente é restaurado o município de Barcelos, a região do atual município de Santa Isabel do Rio Negro, fazia parte do seu território. Em 29 de dezembro de 1956, pelo desmembramento determinado pela Lei Estadual nº 117, é criado o município de Santa Isabel do Rio Negro, com sede na Vila antigamente chamada de ILHA GRANDE. Em 04 de junho de 1968, pela Lei federal nº 5.449, o município é enquadrado como ÁREA DE SEGURANÇA NACIONAL”

Na constelação amazonense de municípios do Estado do Amazonas Santa Isabel do rio Negro, desponta como uma novel região”.

- Aspectos Gerais do Município

“Criado pela Lei Estadual nº 117, de 29 de dezembro de 1956, com uma área de 61.752 km, com 04 habitantes por Km.

Acesso Via Fluvial: via os chamados "Recreio", embarcações de passageiros e carga que navegam pelo Rio Negro, 03 dias de viagem, distante da Capital, 782 Km.

Via Aérea: Via 'Trip' linhas aéreas que pousa duas vezes por semana no aeroporto municipal, 02 horas de vagem, correspondendo a 631 Km em linha reta.

- As canoas, voadeiras, bicicletas, carros e caminhões, viabilizam o intercâmbio interno no município.

População: 18.506 - habitantes (Censo de 2007)

- Zona Rural: 7.082,5 habitantes.*
- Zona Urbana: 11.423,5 habitantes".*

- Demografia

"É considerada a região menos povoada do Rio Negro.

A faixa etária é de 80% (oitenta por cento) de jovens, assim considerados aqueles de 12 a 25 anos. As crianças também ocupam um lugar relevante com uma média de cinco por família. Os adultos com mais de vinte e cinco anos e os idosos, são 12% (doze por cento) dois habitantes. O que equivale dizer, que a população economicamente ativa, é insuficiente para conduzir com êxito a atual linha de desenvolvimento econômico do município.

Uma família Isabelense congrega, em média (20%) membros dos quais, apenas o pai é o provedor, cabendo à mãe a administração do lar e às vezes o cultivo da horta caseira.

A população se originou, em grande parte da miscigenação do branco com o índio e do nordestino com o caboclo, o que gerou pessoas com traços diferentes em sua grande maioria. Os portugueses também plantaram algumas "sementes", no município".

- Economia

"Conta com um sistema econômico incipiente. Todas as atividades são basicamente de subsistência: agricultura, pesca e extrativismo vegetal.

- As indústrias existentes são: a olaria Municipal, fábrica de Asfalto e Fábrica de Gelo.*

- *O artesanato, que é basicamente indígena, apesar de muito bonito, ainda não "aconteceu", economicamente falando.*
- *Na área formal, tem como a "grande mãe", a PREFEITURA, que atua como principal órgão de geração de emprego. Além disto, para incentivar a produção, tem comprado os produtos que excedem o consumo, e tentando distribuí-los para os menos afortunados (farinha e peixe principalmente). O comércio é, também, de subsistência, contando com mais de 20 estabelecimentos (distribuidoras de bebidas, papelaria, confecções, marcenarias e bares etc...). Não existe nenhuma prestadora de serviços.*
- *A renda 'por família' é de um salário mínimo ao mês e o índice de desemprego não é notável porque ainda há muito do sistema de Troca (escambo) o que gera uma economia atípica.*
- *Contudo, a ociosidade, ainda é muito grande.*
- *A vocação econômica do município está assim delineada: agricultura (Incentivo pelo Programa 3º Ciclo); pesca de subsistência. O Turismo promete ser um grande pólo econômico no futuro".*

- Saúde

- *"O Sistema de Saúde do Município apesar de acanhado, tem se relevado suficiente para atender a população, nos casos menos graves (pequenas cirurgias, partos normais e cesárea, prevenção, endemias etc...)*
- *Conta, na sede, com uma Unidade Mista de Saúde, administrada pelo Município e Estado, na qual estão assentados 31 leitos. Cada comunidade possui um "Anjo da Guarda", chamado de Agente de Saúde, que é treinado para atender primeiros socorros, partos normais sem complicações e principalmente, atuar na área preventiva.*
- *Um posto Municipal de Saúde.*
- *Em fase de acabamento de um Novo Hospital Padrão com equipamentos de última geração.*
- *Já instalou a farmácia comunitária tem incentivo o uso do chamado "remédio caseiro" que futuramente contará com a farmácia. Esta última, visa principalmente, manter viva a tradição dos comunitários, notadamente os indígenas, de usar a própria natureza como pólo de cura das mazelas humanas".*

- Clima

“O clima é ameno, do tipo temperado, tropical chuvoso e úmido. Congrega estação de chuvas, inverno e verão e o ar é puro, sem qualquer traço de poluição. Temperatura: Máxima de 32,6° C e Mínima de 21,5°C. Média de 27,5°C”.

- Altitude

“50 metros”.

- Hidrografia

“O manancial de água doce é soberbo. Em seu território percorrem os Rios, Maruiá, Nambú, Manipuá, Cauburí, Rio Enuixí, Teia, Aiuaná, Darahá e Tibahá. O Rio Negro, em cuja margem esquerda se instalou a sede do município é totalmente navegável, crescem na região, peixes tipo: tucunaré, cará, surubim, o ornamental cardinal e o mais nobre a pescada, aracu e o pacu”.

- Matéria Prima

- *“Barro – para olaria municipal;*
- *Areia – para a produção de asfalto e construções civis;*
- *Seixo – uma das maiores minas da área do município;*
- *Madeira de Lei – somente para o consumo local;*
- *Cipó do tipo Titica;*
- *Palha de Piaçava;*
- *Minérios do tipo Bauxita, nióbio, Titanita, Ouro e Pedras preciosas (não exploradas)”.*

- Divisão Territorial

“O município tem território único e não adota divisões territoriais. As povoações são chamadas de ‘Comunidades’, mas não detêm o ‘status’ de vila. Hoje existem, reconhecidamente, 38 comunidades rurais”.

- Relevo e Vegetação

“O relevo do município é do tipo acidentado. /em seu território está localizado o ‘Pico na Neblina’, ponto mais alto do Brasil com, 3.018 metros de altura. A vegetação é ainda floresta densa, com 80% (oitenta por cento) do território coberto pela floresta Amazônica. Congrega madeira de lei à farta e árvores de

grandes potências econômicas como a sorva a piaçava e a seringueira. Conta ainda com magníficas espécimes de planta ornamentais, principalmente um orquidário natural que desponta como um dos mais belos do mundo”.

- Aspectos Econômicos

Setor Primário:

Agricultura: *Suporte econômico do Setor, absorve a maior parte de mão-de-obra local. Tem como destaque a cultura da Mandioca, vindo a seguir: abacaxi, banana, cana de açúcar, laranja, limão, açaí, manga e tangerina (a nível de subsistência).*

Pesca e Avicultura – *é praticada em molde artesanais e sua produção é voltado para o consumo familiar. Não ocorre para a formação econômica do Setor primário.*

Pecuária: *Não tem representatividade para a formação econômica do Setor, restringindo-se a pequenas criações de Bovinos, Suínos, bubalinos.*

Extrativismo Vegetal: *Aparece em pequena escala, baseando-se na exploração de gomas não elásticas, aparecendo em plano mais distanciados a castanha, a piaçava, borracha e cipó.*

Setor Terciário:

Hotéis e Pensões: Existe 01 (um) Hotel com 10 (dez) apartamentos e 01 (uma) pensão com 08 (oito) quartos.

Serviços de Utilidades Públicas: Agência Postal dos Correios, agência Postal do Banco Bradesco, Caixa Eletrônico, Rádio Comunitário (Tapurucuara) TV Amazonas e Serviços de telefonia da OI, breve instalação do serviços de telefonia celular da VIVO

Comércio: Estabelecimentos comerciais do tipo varejista e atacadista.

- Infra-Estrutura Básica:

Energia: a produção e distribuição de energia estão a cargo do Amazonas Energia, que mantém na sede do município uma usina com 02 (dois) grupos geradores com potencia de 1.020 KW e mais 02 (dois) Contêineres, que funcionam 24 horas.

Saneamento Básico: o abastecimento de água está a cargo do SAESI, Serviço de Água e Esgoto de Santa Isabel, Municipalizado, que mantém uma estação de captação superficial com produção horária de 10 m de água é recalçada até um reservatório de 60 m de capacidade de distribuição e mais 10 (dez) poços artesianos que abastecem o município.

- Infra-Estrutura

Educação: A SEDUC mantém 02 (duas) Escolas ministrando ensino de 1º e 2º graus. A Prefeitura, mantém 02 (duas) Escolas Municipais na sede do município e mais 02 (duas) Creches Municipais, e na zona Rural a Prefeitura mantém 36 Escolas ministrando ensino de 1º a 5ª série e pré-escolar para alunos das comunidades rurais e mais os programas do Governo Federal, reescrevendo o futuro.

Saúde: a SUSAM mantém uma Unidade Mista Hospitalar, com 26 leitos e breve inauguração de um novo Hospital padrão construída pelo estado, uma Casa de apoio na cidade de Manaus para alojar os doentes em tratamento de saúde.

Posto De Saúde: A Prefeitura Mantém 01 (um) posto de saúde na sede do município e mais 03 (três) pólos em três comunidades rurais (DSEI).

Segurança: A cargo da Polícia Militar do Estado e os Guardas Municipais.

Justiça: A Comarca de Santa Isabel do Rio Negro, dispõe de um Cartório, Juiz, Promotor, Tabelião e dois Oficiais de Justiça.

- Aspectos Culturais

- *Semana cultural dos Jogos – VERDE E AMARELO – mês de setembro;*
- *Festival de Quadrilhas – interbairros – mês de julho;*
- *Aniversário do município – 29 de dezembro.*

- Prefeita do Município

Eliete da Cunha Beleza (2005/2008 e 2009/2012)

Fonte: Rosalino de Vasconcelos Lima - Chefe de Gabinete do Município

Santa Isabel/Sítio São Tomé

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, Amazonas, 07 de janeiro de 2010.

Em 29 de dezembro de 1.956 pelo desmembramento determinado pela Lei Estadual nº 117, é criado o Município de Santa Isabel do Rio Negro, com sede na vila antigamente chamada Ilha Grande.

Depois do aniversário da cidade (29 de dezembro), conseguimos contatar as autoridades municipais. O Secretário de Educação, Aloísio Oliveira dos Santos, e a Prefeita Eliete da Cunha Beleza nos receberam com muita cortesia e concederam entrevistas que reproduziremos oportunamente. A dinâmica administração do município contrasta com a estagnação e a falta de empreendimentos de São Gabriel da Cachoeira.

Através da prefeita ficamos conhecendo o vídeoreporter Regiandro Albuquerque Góes da Rede Amazônica de TV. O Régis, como é conhecido, serviu na então 1ª Companhia de Engenharia de Construção do 1º Batalhão de Engenharia de Construção (1ª Cia E Cnst/1º Btl Eng Cnst) e é eternamente agradecido ao então Tenente Quintana da 1ª Seção da 1ª Cia E Cnst que o iniciou nos segredos da informática. Hoje, graças a esses passos iniciais, ele é um repórter criativo e capaz de, sozinho, redigir belos textos como roteirista, gravar imagens de vídeo, colocar sua voz pausada e de perfeita dicção e editar, enfim, vídeoreportagens de alta qualidade. O Régis tem tentado contatar seu antigo mestre e repassamos seu e-mail para que isso se torne possível: rederegis@yahoo.com ou rederegis5@hotmail.com.

No nosso primeiro dia em Santa Isabel eu havia assistido extasiado uma reportagem dele sobre a exploração da piaçaba. O roteiro desta fantástica reportagem será reproduzido na íntegra em outro artigo.

- Partida para São Tomé

Com o apoio de nossos amigos da Polícia Militar do Estado do Amazonas transportamos o material para as embarcações que tinham permanecido junto a um posto flutuante no rio. O primeiro lance de oito quilômetros ocorreu sem maiores alterações, com a já conhecida taciturna e muda alvorada do Negro. Na segunda parada, na pequena Comunidade de Serrinha, encontramos alguns moradores descendentes dos Bares, que, em sua maioria, já procuraram migrar espontaneamente para a sede do município, em busca de uma melhor qualidade de vida. O Senhor Dani acabara de pescar duas piraíbas de bom tamanho com o seu espinhel.

Mostrei ao Teixeira aonde eles deveriam me aguardar: Vila Espírito Santo. Cheguei ao local na hora marcada e não encontrei minha equipe de apoio. Aguardei quinze minutos e decidi continuar a descida, sempre pelo canal, na rota da Companhia de Embarcações do CMA. Em uma de minhas fotografias aéreas havia um local conhecido, o sítio São Tomé. Quando visitamos a Prefeita Eliete, conhecemos o Vereador Tami, que havia nos colocado o sítio à disposição. Com a expectativa de ter de ficar sem alimento, todo ele no barco de apoio, resolvi rumar para São Tomé.

O Sítio estava abandonado; o caseiro certamente viajara para passar o final de ano com familiares. Uma mangueira secular, de cujos galhos caíam de vez em quando mangas maduras bicadas pelos japiins, ali estava, imponente. Percorrendo o local, colhi goiabas, cocos, cajus e, enfim, uma infinidade de frutas prontas para serem degustadas por um esfaimado navegador.

Depois de saciar a fome, descarregar o caiaque e transportá-lo para o alto do barranco, fui tomar um revigorante banho. As águas me revitalizavam e eu sentia uma energia fluir pelos meus poros até os músculos cansados da forçada jornada, quando avistei a equipe de apoio, que apareceu a poucas centenas de metros à minha frente.

O silêncio do Negro aqui era quebrado pelas inúmeras espécies de aves que competiam em busca do alimento fácil. Era bom ouvir novamente o canto dos pássaros e observar seus vôos rasantes. Dormimos no amplo avarandado da casa. O sono foi interrompido diversas vezes pelo canto dos galos que pareciam estar com o fuso horário ajustado pelo horário da região nordeste.

Sítio São Tomé / Comunidade Nova vida

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, Amazonas, 07 de janeiro de 2010.

Acordamos às 5h30min e nos preparamos para partir. O jantar tinha sido reforçado com arroz e algumas piranhas que o nosso piloto, cozinheiro e pescador, Osmarino Videira Melgueiro, tinha pescado. O alimento quente era um conforto garantido pela zelosa equipe de apoio.

- Partida para Comunidade Nova Vida (01 de janeiro)

O dia raiou magnífico e partimos, seguindo o canal e a rota do CECMA. Os extensos areais nos forçavam, eventualmente, a dar grandes voltas. Na hora do almoço, aportamos em uma pequena ilha em forma de pingo e dei um longo passeio pelas areias para esticar as pernas. Na volta, saboreamos, mais uma vez, o arroz com as piranhas pescadas no dia anterior, já que no dia de hoje nosso pescador não teve a mesma sorte. Joguei alguns grãos de arroz na água e apareceram alguns espécimes de Acará-Bandeira (*Pterophyllum scalare*) e Acará-Boari (*Mesonauta festivus*), peixes muito cobiçados pelos aquaristas de todo o mundo; afinal, estávamos navegando pelas águas de maior biodiversidade de peixes ornamentais do planeta.

Combinei com o Teixeira que me aguardasse por volta das 13h15min à jusante de uma grande ilha, a uns oito quilômetros de onde estávamos e de onde continuaríamos seguindo a rota pelo canal. O Teixeira ancorou no lado meridional da ilha e eu passei pelo setentrional, de modo que não nos avistamos. Aportei logo abaixo, em uma ilha com grande areal, descansei durante alguns minutos e, como a equipe de apoio não aparecesse, segui avante. A opção de acampamento teria de ser nas praias, já que as ilhas eram de mata fechada; tinha um saquinho com algumas castanhas e isso teria de bastar até o dia seguinte. Resolvi remar forte para adiantar minha jornada, quando, depois de remar por uma hora, avistei um barranco nu com algo que parecia, de longe, uma roupa. Remei freneticamente e aportei na Comunidade Vida Nova.

Formada por quatro famílias de piaçabeiros que tinham sido escorraçados da região do rio preto (Santa Isabel do Rio Negro), em mais um dos inúmeros desmandos promovidos pela famigerada FUNAI em suas desastrosas e descabidas demarcações de terras indígenas. Hoje, entregues à pesca e à venda de peixe salgado, sobrevivem nesta região erma e distante. Estavam na Comunidade apenas Dona Anésia (esposa de Ocino), suas duas filhas (Ana

Cláudia e Ana Paula) e os dois netos (Gracilena, Mateus e Tereza). Com a cortesia peculiar dos ribeirinhos, mandou as crianças matarem um frango e me proporcionou um belo jantar.

Dona Anésia usa uma grande moringa de barro para clarear, por sedimentação, as águas do Negro e usa cloro para tornar a água potável. Foi a primeira vez em minhas jornadas que se iniciaram no Solimões que vi alguém realizar tal tratamento. A higiene das instalações mostrava a preocupação com a higiene daquela Amazona que, com invulgar alegria e fraternidade, recebia eventualmente navegadores que se extraviavam nas redondezas.

As palafitas foram erguidas com capricho e cobertas com palha de paxiúba, garantindo o conforto de seus moradores. As crianças criavam três gaiotas esfomeadas que tinham de ser alimentadas periodicamente. Para isso, as crianças estenderam uma pequena malhadeira à frente do barranco e volta e meia retiravam alguns pequenos peixes que eram cortados para alimentar as aves vorazes.

A barraca foi montada sem o toldo superior, para que eu pudesse olhar as estrelas. A lua, quase cheia, me acordou no meio da noite e pude contar seis estrelas cadentes que cortaram o céu rumo norte. As estrelas brilhavam com uma intensidade sem par; não existiam as luzes das grandes metrópoles para ofuscá-las e elas cintilavam sobre o manto aveludado da noite. O dia que se renunciara tenebroso, se mostrou pleno de fraternidade, amor e beleza.

Comunidade Nova vida / Acampamento

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, Amazonas, 07 de janeiro de 2010.

Acordei às 5h30min, desmontei o acampamento e carreguei o caiaque depois de tomar um banho no rio. Dona Anésia convidou-me para tomar um café com bolinhos fritos de trigo e embrulhou alguns para a viagem, que seriam muito bem vindos caso minha equipe de apoio não me encontrasse. Despedi-me da gentil senhora e de seus filhos antes de partir. Mais uma vez eu fora contemplado com a amazônica hospitalidade e isso me enchia de esperança na humanidade das pessoas.

- Partida (02 de janeiro)

Logo no início da jornada avistei um enorme gafanhoto, ainda vivo, sobre as águas. Já havia visto diversos deles voando ou mortos levados pela corrente. Recolhi o grande inseto e o coloquei sobre o convés; ele se arrastou vagorosamente e se postou sobre a proa, onde permaneceu imóvel durante todo o tempo. Depois de 1h15min, parei e levei meu parceiro até um arbusto da ilha, colocando-o no galho mais forte. Gostaria de saber o que leva esses robustos animais a atravessar os enormes canais arriscando a vida. Seria um apelo à sobrevivência dos mais fortes e capazes? Instinto de reprodução? Não sei...

Estava comparando o terreno com a rota da Companhia de Embarcações do CMA; o trajeto passava agora por um enorme areal e tive de contorná-lo. Quando estava manobrando o caiaque, vinha chegando minha equipe de apoio. Foi uma visão reconfortante; ofereci uns bolinhos preparados pela Dona Anésia e comi algumas frutas que eles tinham colhido. O nosso piloto tinha pescado mais alguns peixes, garantindo a refeição do dia.

Montamos acampamento em uma praia bastante extensa que possuía uma pequena enseada, a fim de aportarmos nossas embarcações livres das ondas provocadas pelos ventos e das outras embarcações que passavam pelo canal. Mergulhado até o pescoço, tomei banho acompanhado por pequenos peixes que não paravam de mordiscar a pele.

A noite foi maravilhosa e dormi sem ser acordado pelos galos ou cães das comunidades.

Acampamento / Comunidade Boa Vista

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, Amazonas, 07 de janeiro de 2010.

Acordei às 5h30min e mantive a rotina diária de desmontar o acampamento, carregar o caiaque e tomar um banho de rio. Tomei um café preparado pelo nosso piloto.

- Partida para Comunidade Boa Vista (03 de janeiro)

Partimos, com a equipe de apoio menos afoita e mais preocupada em seguir a rota proposta para não nos separarmos, já que as numerosas ilhas do maior arquipélago fluvial do mundo – Mariuá - determinavam uma navegação mais cuidadosa. Novamente, os areais aumentavam o percurso, exigindo mais de nosso preparo físico e mental. Os ventos de proa fizeram surgir os banzeiros que, embora fossem facilmente vencidos pelo caiaque oceânico, exigiam mais força do canoísta e uma perícia de nosso piloto para manobrar o toco 'bongo'.

- Comunidade Baturité

Depois de usufruirmos a tranquilidade de um longo furo, avistamos a Comunidade Baturité no alto do 'Paredão', um barranco enorme de seus trinta metros de altura. Abastecemos com a água cristalina do poço da comunidade, compramos algumas bananas e admiramos alguns artesanatos ribeirinhos que são vendidos para os turistas estrangeiros que frequentam o Rio Negro Lodge.

- Rio Negro Lodge

Chegamos ao Rio Negro Lodge na hora do almoço. O seu gerente, Mark Cobos, gentilmente nos ofereceu um almoço e um refrigerante gelado, que só quem passou seis a oito horas sob o sol inclemente pode aquilatar o valor. O Hotel abriga os aficionados pela pesca desportiva, principalmente do Tucunaré. As primorosas instalações com cabanas individuais e complexo de lazer, complementado com cozinha de fartos produtos regionais, justificam sua fama internacional. O dono é o norte-americano Phillipe Aron Marsteller, representante da Amazon Tours no Brasil. O complexo inclui o barco 'Amazon Queen' e uma frota de 30 lanchas usadas para a pesca esportiva.

Infelizmente, existe um lado sombrio por trás do empreendimento. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), os proprietários proíbem os moradores dos sítios vizinhos de caçar, ameaçando-os com a polícia e apreensão de suas armas, além

de pressionarem os nativos a abandonar os seus sítios, com a alegação de ter comprado uma extensa faixa de terras, na qual estariam incluídos os sítios vizinhos.

A Câmara Municipal de Barcelos aprovou a Lei nº 359 de 02/12/1997, que obrigava o proprietário a apresentar, no prazo de 180 dias de sua promulgação, um Projeto Ambiental. A exigência nunca foi cumprida, tornando automaticamente sem efeito a concessão, fazendo retornar a área de terras ao Patrimônio Municipal. Considere-se ainda que o projeto está inserido nos limites de uma área de proteção ambiental municipal (a APA Mariuá).

- Hotel Rio Negro Lodge é suspeito de biopirataria

Náferson Cruz - Especial para o Amazonas EM TEMPO - Sábado, 18 de Abril de 2009

“Uma operação conjunta entre a Receita Federal, Marinha do Brasil e o Ibama resultou na multa de R\$ 2,7 milhões ao hotel de selva Rio Negro Lodge que mantinha um zoológico clandestino e um laboratório de biologia pirata. O proprietário do hotel de selva Rio Negro Lodge é o norte-americano Philip Aron Marsteller.

A operação aconteceu no período de 24 de março a 8 de abril na calha do rio Negro, próximo ao município de Barcelos, a 470 quilômetros de Manaus, mas somente agora foi divulgada pela Receita Federal.

Segundo o auditor fiscal da Receita Federal no Amazonas, Ricardo Pereira, o hotel foi alvo de investigação por conta dos produtos e máquinas importadas adquiridas pelo seu proprietário, além de manter em cativeiro animais silvestres, alguns em processo de extinção, em um pequeno zoológico.

‘No laboratório havia vários microscópios e lâminas com insetos, raízes, flores e plantas da Amazônia. Ainda não sabemos o motivo das pesquisas que vinham sendo realizadas’, explicou o auditor fiscal.

Ele explicou que as mercadorias eram compradas de forma ilegal e que, há quatro anos, tramita na Justiça um processo de operação ilegal de compra de mercadorias contra o dono do hotel. ‘Ele sonegava o imposto e isso se caracterizava como contrabando’, afirmou Pereira”.

- Comunidade de Cumarú

Passamos pela Comunidade de Cumarú cujo presidente, o Senhor Raimundo Batista, nordestino de nascimento, veio com os irmãos na década de setenta para o norte e, após servir no 6º Batalhão de Engenharia de Construção (Boa

Vista - RR), na década de oitenta, casou com uma nativa, estabelecendo-se em Cumaru. Raimundo neutralizou um movimento local que pretendia que a área fosse demarcada como indígena, uma manobra que vem sendo perpetuada sistematicamente por comunidades que se *'dizem'* indígenas e recebem o beneplácito da FUNAI.

Raimundo mostrou outro caminho para a Comunidade e, com o apoio do ITEAM (Instituto de Terras do Estado no Amazonas), conseguiu que as famílias tivessem seus lotes demarcados em áreas de 25 a 35 hectares e devidamente titulados. O nordestino empreendedor trabalha duro para fazer com que seu belo sítio seja o mais produtivo da área, ao contrário de seus preguiçosos vizinhos. Aplicando as devidas técnicas apreendidas junto aos técnicos agrícolas, o Presidente da Comunidade Cumaru mostra que se pode extrair da terra arenosa o sustento da família. A Comunidade se ressentia de uma escola de alvenaria e do conserto do telefone, cujo receptor foi quebrado pelas crianças da comunidade.

- Comunidade Boa Vista

Resolvemos parar na Comunidade Boa Vista, onde encontramos o professor Cavalcante, que gentilmente nos acolheu e permitiu que montássemos nosso acampamento na varanda de um morador que se encontrava ausente. O professor está cursando Letras em Barcelos e pretende, depois de formado, radicar-se em Manaus.

Reflexões em Barcelos

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, Amazonas, 07 de janeiro de 2010.

"... Um oceano em seu olhar
pelo amigo que se foi
o amor de uma mulher
por tudo o que vier
nesses tempos
marcados pela inquietação
à procura da verdade
e ela se esconde
mas seu barco vai
por onde a sua mão guiar..."
Oceano (Guilherme Arantes)

- O Negro

"(...) vimos uma boca de outro grande rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos, e de água negra como tinta, e por isso lhe pusemos o nome de Rio Negro. Corria ele tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte léguas fazia uma faixa na outra água, sem misturar-se com a mesma". (Gaspar de Carvajal)

O Negro vem encantando desbravadores, naturalistas, pesquisadores desde que se teve notícia de sua existência, pelos 'civilizados' há mais de cinco séculos. A cada um, este portentoso ente aquático impressionou de uma forma. Alguns pela cor de suas águas, outros pela força de sua torrente, outros ainda pelas características físico-químicas...

"No dia 23 entramos no rio Negro, outro mar de água doce que o Amazonas recebe pelo norte. A carta do Padre Fritz (que nunca entrou nesse rio), e a última carta da América de Delisle, feita conforme a do Padre Fritz, fazem correr este rio do norte para o sul, ao passo que é certo, pelo relato de quantos o remontaram, que ele provém do oeste, e que corre para o este, inclinándose um pouco para o sul. Testemunhei por meus próprios olhos que essa é a sua direção várias léguas acima de sua desembocadura no Amazonas, onde o rio Negro entra tão paralelamente que, sem a transparência das águas que se chamam precisamente 'rio Negro', seria tomado por um braço do próprio Amazonas, separado por alguma ilha". (Jean Louis Rodolphe Agassiz)

O Negro me envolveu no seu manto de mistério; a alvorada silente, diferente do Solimões, que mais parecia uma Ode à Natureza, torna-o um ser inerte, apático e sem vida. A beleza das paisagens contrasta com a ausência de sons. A calmaria do Alto Solimões e as belas ilhas de pedra foram substituídas, progressivamente, pelas intermináveis praias de areias virgens, pelos banzeiros e fortes ventos de proa que dificultam a progressão de minha equipe de apoio no seu precário 'bongo'.

- Margens

O efeito devastador das águas do Solimões sobre as margens, golpeando, destruindo, arrastando, reconstruindo, alterando continuamente seu traçado aqui não se vê. O Negro derruba os gigantes da floresta, mas eles permanecem no mesmo lugar em que tombaram. São redesenhados, esculpido pelas mãos do tempo e das águas. As margens de tabatinga, golpeadas continuamente pelas ondas, formam paredões verticais e as arenosas se espriam preguiçosamente.

- Vegetação

As terras mais pobres não apresentam a estupenda variedade e portento da bacia do Solimões e as águas carentes de nutrientes não revitalizam a várzea por ocasião das cheias. Talvez, por tudo isso haja uma diferença tão grande na capacidade de trabalhar dos nativos das mais variadas etnias do Alto Rio Negro em relação aos Tikunas do Alto Solimões. A compleição física indica uma carência alimentar ancestral que não conseguiu ser suprida até os dias de hoje, agravada, certamente, pela falta de aptidão para a agricultura. Uma coisa, porém, têm em comum essas comunidades: a bela hospitalidade amazônica.

Comunidade Boa Vista - Barcelos

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, Amazonas, 07 de janeiro de 2010.

*"... eu gosto de me distrair olhando o céu,
as nuvens se movendo para o outro lado
e o sonhos vagando por aí.*

*Brincar de imaginar formatos para nuvens
é o mesmo que poetar sonhos,
a nuvem que parece um barco
navegando pelas águas deste oceano".
(**Velejando as nuvens** - Bruno Marques da Silva)*

Sáímos ao raiar do dia. Ao longe, um coral de soturnos guaribas quebrava a monotonia diária que caracteriza o alvorecer do Negro. Os delicados e cândidos cirrus, a oito mil metros de altura, contrastavam com o azul celeste amazônico e prenunciavam bom tempo. Imprimi um ritmo forte, de 10 km/h, para chegar ao meu destino antes das quinze horas. Orientei a equipe de apoio quanto ao percurso.

- Partida para Barcelos (04 de janeiro)

Os temidos banzeiros nos deixaram em paz na primeira etapa da jornada. Na primeira parada programada, a equipe de apoio me aguardava junto com ribeirinhos da comunidade de Baturité que haviam ancorado seus 'motores' com receio de enfrentar os fortes banzeiros do dia anterior. Partimos juntos e, depois de alguns quilômetros, eles enveredaram por um furo que ia até Barcelos. O furo estreito, para quem conhecia seus atalhos, era garantia de escapar dos banzeiros. A equipe de apoio me aguardava junto à foz do furo e informei a eles que não tinha fotografia aérea da região que pudesse me guiar e não pretendia partir num vôo cego.

Continuamos pela rota do CECMA. Pequenos banzeiros não dificultaram a navegação e não tive necessidade de colocar a saia no caiaque. Pouco antes da segunda parada tive de desembarcar no meio do rio e rebocar o caiaque por uns 600 metros com água pela canela. Antes de avistar minha equipe, fui saudado por um bando ruidoso de guaribas que evoluíam pela margem direita. O Teixeira me alcançou umas bananas que comi, mergulhado até o pescoço para neutralizar a canícula.

Partimos e, novamente, um enorme banco de areia me fez desembarcar e rebocar o caiaque. Aportei às 14h20min em Barcelos e o Teixeira me aguardava com seu sorriso largo e na mão uma latinha de refrigerante gelada. A Polícia

Militar nos conduziu direto para a residência do tenente Walter de Souza e Silva, na vila militar do 3º Batalhão de Infantaria de Selva onde ficaríamos hospedados.

O tenente Walter, embora na reserva remunerada, foi convidado a prestar seus serviços ao exército, novamente. O espírito de liderança e planejamento metódico, aliados à quase três décadas de bons serviços prestados à Força, levaram os chefes militares a convocá-lo.

- Barcelos

Recebemos apoio incondicional por parte do pessoal do Centro de Atendimento ao Turista (CAT), coordenado pela Secretaria de Turismo Vilmara Moraes e sua assessora Eunice de Araújo Ribeiro, que permitiu que usássemos suas instalações e equipamentos para digitação e upload das fotos. A Josely Macedo Bezerra, assessora particular, orientou seu staff para nos dar todas as informações solicitadas.

Piaçaba

"Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam". (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, Amazonas, 07 de janeiro de 2010.

- *Piaçaba (Attalea funifera)*

Nome comum de palmeira nativa que tem sua origem na língua tupi, significando '*planta fibrosa*', devido ao seu caule característico.

Possui estipe liso e cilíndrico, folhas eretas, verde-escuras, com pecíolo longo, e frutos comestíveis. A fibra dura e flexível é extraída das margens dos pecíolos e utilizada na confecção de vassouras, escovas e empregada no artesanato. As sementes fornecem marfim-vegetal. Conhecida, também, como coqueiro-piaçaba, japeraçaba, pau-piaçaba, piaçabeira, piaçaveira e vai-tudo.

'*Piaçava*' é o nome dado a palmeira na Bahia, a qual se retira também fibras pra a fabricação de vassouras. Sendo que esta tem fibras mais duras que a '*Piaçaba*', árvore da mesma família só que encontrada na Amazônia.

Em Santa Isabel do Rio Negro estabelecemos contato com o repórter Regiandro Albuquerque Goes, que recentemente tinha feito uma reportagem sobre a '*piaçaba*'. Com sua devida autorização reproduzimos o texto de seu vídeo sobre o tema.

- *Palmeira Piaçaba*

Por Regiandro Albuquerque Goes - Repórter - Santa Isabel do Rio Negro

Produtora de fibra longa, resistente, rígida, lisa, de textura impermeável e de alta flexibilidade, essa palmeira se desenvolve bem em solos de baixa fertilidade e com características físicas inadequadas para a exploração econômica de muitos cultivos. A

necessidade de poucos recursos financeiros para o plantio, a manutenção e exploração, tornam a piaçabeira uma opção de extrativismo atraente, pelos reduzidos riscos e altos rendimentos que proporciona ao investidor.

Depois de quase seis horas de viagem chegamos a campina do rio preto comunidade pertencente a Santa Isabel do Rio Negro a aproximadamente a cem quilômetros de distancia do município de santa Isabel do Rio Negro. Aqui moram dezessete famílias que praticamente sobrevivem da extração da Piaçaba há séculos, uma tradição deixado de pai para filho.

Trabalhar com a piaçaba não é tarefa fácil, para conseguir a fibra é preciso andar quilômetros dentro da mata, estar preparado para os perigos e desafios.

Aqui também encontramos a piaçaba preta conhecida como piaçabarana, de pouca comercialização, usada principalmente para o acabamento na confecção de artesanato.

Depois de algumas horas de caminhada, finalmente encontramos a piaçabeira vermelha. As fibras de Piaçaba ficam ao redor da palmeira e servem também de abrigo de insetos e animais peçonhentos, por isso, antes de extraí-las, o piaçabeiro tem que bater nas fibras para espantar os animais evitar acidentes.

Para começar a extração, primeiro é realizada a limpeza das folhas. O corte nas folhas deixa as fibras soltas já para a extração da piaçaba. Nas palmeiras mais altas é preciso do auxílio de um mutar - espécie de um girau feito a partir de galhos de arvores.

Cada piaçaveiro tira uma média de cinquenta quilos de Piaçaba por dia em oito horas de trabalho. Calculando esses números, sua produção em trinta dias é mil e quinhentos quilos.

Seu Francisco, piaçabeiro desde os 10 anos, explica que depois do primeiro corte feito na palmeira, a piaçaba só deve ser novamente extraída depois de um longo período de descanso, para possibilitar a formação de fibras mais longas e de melhor valor comercial.

- "Daqui uns três anos ai que você pode cortar ai já vai ter desse tamanho um palmo".

Aos poucos as fibras vão sendo retiradas, arrumadas e amarradas pra serem transportada para local de destino. Já na comunidade, a piaçaba passar por um processo de seleção, limpeza e embalagem ficando em condições de ser colocada para comercialização.

O local de extração da Piaçaba é de difícil acesso; muitos barracões que armazenam a Piaçaba ficam dentro de igarapés, o local é raso e estreito, por isso o transporte só pode ser realizado através de pequenos barcos conhecidos como "chatas" até a boca dos igarapés (afluentes dos rios principais), onde um barco maior espera para ser carregado com o produto a ser transportado para Manaus.

Seu Francisco Bezerra é de família de piaçabeiro, começou a trabalhar aos quinze anos de idade e hoje, com trinta e dono do próprio negócio, ele fala das dificuldades que enfrenta no dia-a-dia:

- "É muito trabalho; tem que limpar o igarapé, limpar os caminhos, fazer colocação. O piaçabeiro sai cidade até chegar no plano do trabalho dele; para ele começar a trabalhar, gasta mas de dois meses; às vezes um mês e pouco pra ajeitar, fazer caminho, fazer barraco e encontrar produto; enquanto isso ele vai comendo, comendo, comendo... por que tem que comer todo dia e, quando ele vai achar o produto, a conta dele já está avançada".

A comercialização da Piaçaba é pouco valorizada devido ao baixo preço; o quilo é vendido a oitenta centavos e, muitas vezes, a venda é feita à moda antiga, trocando-se o produto por mercadoria (escambo).

Para valorizar e fortalecer a classe, o primeiro fórum da Piaçaba reuniu moradores e ribeirinhos que sobrevivem do extrativismo dessa fibra.

A prefeita Eliete da Cunha Beleza espera que as pessoas realmente se organizem e se qualifiquem e possam ter e possam sustentar suas famílias.

Além da falta de assistência técnica e de um preço mínimo, o fórum discutiu também a implantação de uma fábrica de vassouras com selo verde, o que pode gerar muitos empregos no município.

O senhor Valdelino Cavalcante, da Agência de Desenvolvimento Sustentável, afirmou durante o fórum que as pessoas "se organizarem em associações e cooperativismo é muito importante; esse é o ponto principal, o ponto inicial para que a gente possa daqui há pouquíssimo tempo estar colocando esse produto da Piaçaba no mercado nacional e internacional".

O pesquisador Ignácio Oliete fez o mestrado sobre a Piaçaba e diz como o estudo pode ajudar na exploração racional da Piaçaba: "eu andei de 2006 a 2008 nos piaçabais levantando informações sócio-econômicas com relação à atividade, por isso mesmo, porque é uma atividade esquecida, faltava informação científica, e eu achei que era importante a gente levantar informações para o diagnóstico econômico que identificasse os problemas e levantasse questões biológicas e ecológicas sobre a espécie"

Mais um dia em Barcelos

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, AM, 08 de janeiro de 2010.

Recebemos um convite, por intermédio do Sargento PM Pepes, para um jantar na casa do Tenente Nilder Márcio Silva Mendes. O Tenente Nilder é o diretor do Hospital Geral de Barcelos e vem operando milagres segundo moradores locais. O Tenente Walter deixou-me no consultório do dentista às vinte horas e levou o Teixeira e o Osmarino para a casa do Tenente. Logo depois da consulta, me uni aos companheiros e participamos da confraternização em nossa homenagem. Conhecemos, na oportunidade, o filho de Tatumca Nara. Tatumca é uma conhecida e controvertida personagem local e fomos instados a não viajar sem antes conhecê-lo e ouvir suas incríveis e pouco verossímeis histórias.

- Tatumca Nara

O Tenente Walter pegou o doutor Nilder em sua residência e nos dirigimos ao sítio do Tatumca, que mora há algumas dezenas de quilômetros de Barcelos, onde cultiva diversas plantas frutíferas que comercializa com os comerciantes locais. Tatumca foi surpreendido com nossa visita, mas amavelmente nos convidou para entrarmos em seu modesto barranco onde discorreu sobre temas como a Alemanha nazista, sua trajetória de vida e suas pesquisas na serra do Aracá. Tatumca se diz filho de uma alemã com um tuxaua quíchua peruano (descendentes dos incas). Num linguajar arrastado, com forte sotaque alemão, contou suas passagens pelo Brasil, sua ida à Alemanha onde se especializou em motores à Diesel e seu retorno à terra brasileira no período revolucionário. Conta ele, depois de muitas idas e vindas, que conheceu aquela que viria a ser mais tarde sua esposa, dona Anita, quando ela o entrevistou em inglês e alemão. Depois disso, ele teria sido recrutado como membro da inteligência para o Exército Brasileiro. Depois de casar com Anita, trabalhou, durante algum tempo, como motorista de caminhão e acabou vindo para o rio Patueri pesquisar as origens de sua gente (quíchua) e, depois, residindo em Barcelos, na serra do Aracá, onde teria encontrada restos de uma antiga muralha. Tatumca advoga que o nome da cidade de Machu Pichu, na língua nativa, significa a 'segunda' e que na serra do Aracá encontra-se um sítio arqueológico com a mesma orientação e semelhança onde teria sido construída a 'primeira'. Em Machu Pichu, a forma do sítio lembra um gigantesco Jacaré e aqui, no Aracá, a formação lembra um grande boto. Informa que existe uma foto aérea que mostra, nitidamente, o desenho de uma enorme tartaruga, de uns 200 metros, gravada na pedra. Um animal sagrado para os antigos quíchuas. Continuando seu relato, Tatumca afirma que na serra do Aracá existiam três grandes buracos que penetravam terra adentro e que ele chamou a equipe do Akakor, da Itália, para inspecionar o local. Qual não foi sua surpresa quando chegou lá com os italianos e verificou que os buracos tinham sumido. Segundo sua versão, ele tinha até deixado uma corda marcando o local. Algum tempo depois, ele verificou que o grande bloco de pedra em que se encontravam os três buracos havia desabado. A respeito de uma suposta cidade perdida ele afirma que tem certeza de que se a região for devidamente pesquisada ela será encontrada e que ele já encontrou uma peça de cerâmica maia de quinhentos anos antes da chegada dos espanhóis à América. Falou, também, da tentativa de demarcação de novas terras indígenas na região do Aracá pela ONG Instituto Sócio Ambiental (ISA), quando eles tentaram criar uma maloca na região importando índios de São Gabriel da Cachoeira com a alegação de que ali estavam desde tempos imemoriais. Nas manifestações pró demarcação que aconteceram em Barcelos, ele disse que até índios negros apareceram, mas que, graças à mobilização da população e dos seus dirigentes, a farsa montada pelo ISA foi desmantelada e a terra não foi demarcada.

Barcelos / Moura

Por Hiram Reis e Silva, Barcelos, AM, 08 de janeiro de 2010.

Acordamos às cinco horas e, das cinco horas e trinta minutos até as seis horas, aguardamos pelo Sargento PM Pepes e sua viatura. Como ele não aparecesse, solicitamos o apoio de um graduado do 3º Batalhão de Infantaria de Selva que nos levou até o porto de onde partimos às seis horas e quarenta minutos.

- Partindo para o Sítio do Sr. Abeni (09 de janeiro de 2010)

Ao passar pelo posto de combustível flutuante, observamos o Queen II atrelado a ele. As dívidas do Lodge Hotel, com o dono do posto, ultrapassavam o valor da embarcação. Mais uma mostra de como o poder público corrupto pode favorecer estrangeiros sem qualquer critério a implantação de mega-projetos em regiões de preservação. Novamente, os enormes bancos de areia e os banzeiros que iniciaram por volta das oito horas retardaram nossa progressão. Eu continuava extasiado contemplando, nos paredões de tabatinga, as enormes raízes expostas daqueles moribundos gigantes da floresta. As lúgubres formas artísticas tanto dos troncos tombados, como de suas raízes, tinham uma beleza rude e fúnebre. O Teixeira, depois da última parada, ficou encarregado de achar o melhor local para pararmos e decidiu pelo sítio do senhor Abeni, que ali reside com a esposa, filhos e netos. O Osmarino, logo que aportamos, por volta das catorze horas, preparou o almoço fritando as piranhas que havia pescado no caminho. A isca artificial que o Teixeira havia comprado em Barcelos estava funcionando. Depois do almoço, concluímos a montagem do acampamento e tomamos um banho no Negro. Só então iniciei a análise da rota do dia seguinte. A hospitalidade ribeirinha, mais uma vez, ficou patente, quando o irmão do senhor Abeni veio visitá-lo no sítio. Ele queria que o Teixeira tivesse escolhido o sítio dele para o pernoite onde tinha frutas a nossa disposição, ancoradouro protegido dos banzeiros e uma cobertura para as barracas. A chegada de visitantes é, sempre, uma novidade para estes valorosos ribeirinhos. O Osmarino, neste dia, pescou duas traíras, algumas piranhas e dois barba-chatas garantindo o almoço do dia seguinte.

- Partindo para Acampamento 2 (10 de janeiro de 2010)

O dia transcorreu sem grandes novidades com os banzeiros tradicionais e pancadas de chuvas até o quilometro quarenta. A seca tinha colocado um grande banco de areia na rota prevista forçando-nos a percorrer um outro canal que aumentou em cinco quilômetros a rota. A energia adicional minou minhas forças, mas o esforço foi recompensado com um belo local de acampamento. Era, pelos vestígios das fogueiras, pelos cascos de tartaruga, um local usado sistematicamente pelos pescadores da região. Montamos as barracas no meio da vegetação buscando proteger as barracas da ação dos fortes ventos do quadrante este. Comemos arroz e peixe e, como nossas reservas pesqueiras fossem suficientes, o Osmarino ficou a ler a bíblia na sua rede após cumprir as habituais tarefas. A noite foi quente, mas de bom tempo, de modo que tirei o teto da barraca para poder admirar a abóbada celeste que nesse imenso deserto humano é muito mais bela.

- Partindo para Moura (11 de janeiro de 2010)

Os ventos começaram às oito e não pararam mais. O grande e largo braço que navegávamos formava grandes ondas e minha velocidade foi reduzida para uma média de 5,5 quilômetros por hora. Na segunda parada, encontrei a equipe de apoio na altura de Carvoeiro e, nessa oportunidade, o leme bateu no barranco quebrando o seu suporte. Navegar sem leme com os fortes banzeiros seria uma prova de resistência física e controle mental, ainda faltavam trinta e cinco quilômetros para

nosso destino. Combinei com a equipe de apoio de encontrá-los na entrada do furo que permite uma abordagem a Moura livre dos inconvenientes ventos e consequentes banzeiros. Continuei lutando com as ondas e resolvi fazer uma abordagem pela margem direita da foz do rio Branco. Escolhi o melhor ponto de ataque para a foz do rio Branco, onde o rio se torna mais estreito, fiz uma parada antes para recompor as forças e me lancei na travessia. Os banzeiros que quase afundaram o 'bonguinho' de minha equipe formavam ondas de até setenta centímetros que vinham de todos os lados. Naveguei em zigue-zague pelas pedras à direita da foz do rio Branco e só consegui encontrar águas mais calmas, quando a margem esquerda do Branco me deu certa proteção dos ventos. Era reconfortante observar o encontro das águas negras com as cristalino-esverdeadas do Branco. Tive de refrear minha vontade de aportar e mergulhar naquelas belas águas, mas como os ventos dessem uma súbita trégua resolvi seguir em frente. As águas do Branco, espremidas pela torrente do Negro, permaneciam sem se misturar até a altura de Vila Remanso, a trinta quilômetros da Foz do Branco. As curiosas ilhas de pedra eram uma constante e depois de passar pelas inscrições rupestres de uma delas resolvi aportar e tirar algumas fotos das praias e das pedras incrustadas com cristais de rocha. Logo que reiniciei a navegação, avistei minha equipe e nos reunimos numa praia paradisíaca para ultimar os preparativos para a abordagem em Moura. Faltavam ainda vinte quilômetros e afirmei que se tudo corresse bem chegaria por volta das dezesseis horas e quinze minutos. Como sempre o imponderável acompanha os indômitos, uma hora antes de chegar a Moura a chuva acompanhada de fortes ventos me fez aportar e colocar a saia no caiaque. A estreita praia era protegida por uma ilha de pedras e o barranco mostrava belas árvores com suas grandes raízes quase que totalmente expostas. Os cíclopes das matas aguardavam resignadamente seu destino, uma nova cheia e os temidos banzeiros lhes solapariam continuamente os alicerces até arrancá-las do alto do barranco. A chuva passou rápida e as ondas diminuíram um pouco permitindo que eu chegasse às dezesseis horas e vinte minutos, depois de remar quase dez horas. O Teixeira já tinha engrenado com o administrador local, Senhor Zeca, para acantonarmos na Escola Santa Rita e com o pessoal da Comara de Moura para nos apoiar com viatura.

- Moura

Jantamos no bar da senhora Lane e fui deitar cedo. No dia seguinte, depois do café na Lane, levamos o caiaque até a Comara para soldar o suporte do leme. A solda de material inox foi feita com precisão e esperamos que não volte a apresentar problemas futuros. Depois do almoço na Lane fomos descansar um pouco, nada funciona na cidade até às catorze horas. Contatamos o administrador, senhor Zeca, para conseguirmos uma voadeira para ir até a foz do rio Branco tirar algumas fotos e ele sugeriu que contatássemos o senhor Léo. Alugamos a voadeira e seguimos de voadeira até o rio Branco, fotografando as imagens que não tínhamos conseguido registrar em virtude das chuvas e dos banzeiros. Especial atenção foi dada à série de inscrições rupestres. A variedade dos símbolos representando animais, seres humanos e formas que não conseguimos interpretar eram muito grandes. Visitamos a foz do rio Branco, desta vez, com muito mais calma e segurança e fotografamos o belo rio de águas claras. As ilhas de belas praias e rochas exóticas fazem de Moura um pólo de turismo inigualável. Quem sabe um dia com uma estrutura de apoio adequada seu povo gentil possa receber turistas de todas as origens. O dia estava um tanto nublado o que, certamente, diminui um pouco a qualidade das fotografias, mas vale o registro.

Moura / Velho Airão

“Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam”. (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva, Novo Airão, AM, 16 de janeiro de 2010.

Acordamos às cinco horas e trinta minutos e aguardamos o apoio de viatura da Comissão de Aeroportos da Região Amazônica, sediada em Moura (COMARA). A viatura não apareceu e, novamente, tivemos que transportar todo o material da escola para as embarcações, acarretando um atraso de trinta minutos na partida.

- Partindo para o Velho Airão (13 de janeiro de 2010)

Continuei seguindo a rota da Companhia de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA). A opção pela margem esquerda, além da velocidade, evitava o emaranhado de ilhas da Foz do Juá que dificultaria, em muito, a orientação, tendo em vista que a fotografia aérea era do período de secas. A equipe de apoio parou para o almoço em uma comunidade e fomos agraciados com uma piranha para complementar nosso almoço, já que o Osmarino havia pescado somente um peixe no percurso. Estávamos aguardando o peixe ficar pronto, quando um dos ribeirinhos alertou-nos que o *‘bonguinho’* estava se fazendo ao largo. O Osmarino embarcou no meu caiaque e trouxe de volta o barco fujão. Após o almoço, continuamos o percurso. Abandonei a rota do CECMA e contornei as ilhas, rumando direto para o Velho Airão. O Osmarino pescou três Tucunarés garantindo nosso jantar. Cheguei bastante cansado, por volta das dezesseis horas e trinta minutos, depois de remar quase dez horas consecutivas e não foi nada reconfortante me deparar com a altura do barranco do Velho Airão. Ao desembarcar, conheci dois moradores: o senhor Nakayama e o *‘Ceará’*. Decidimos permanecer um dia na comunidade para poder fotografar, com a luz adequada, as ruínas e também petróglifos da foz do Jaú.

Petróglifos: do prefixo grego *pétra* - *‘rochedo, rocha’*, com o sufixo grego *glúphó* - *‘esculpir, gravar’*.

- Velho Airão e Foz do Jaú (14 de janeiro de 2010)

Acordei cedo e percorri as ruínas da *‘Rua Occidental’* e o cemitério para registrar algumas imagens. O estado de deterioração das ruínas e a violação dos túmulos são um nítido exemplo do pouco caso que as autoridades dão ao passado, à história de nosso povo. Depois de tomar um café na casa do amigo Ceará e visitar o pequeno museu que Nakayama guarda em sua casa fomos visitar a boca do Jaú. As inscrições, bem mais elaboradas que as da foz do rio Branco, chamam a atenção pela diversidade e detalhes. Tiramos uma série de fotos que, infelizmente, continuamos sem poder encaminhar daqui de Novo Airão, já que cada foto levaria mais de duas horas para fazer o upload. Nakayama e Ceará estão residindo na área há mais de quatro anos e nos contaram, com minúcias,

as inúmeras visitas de pesquisadores à área. Visitamos a família de um ribeirinho cujas plantações e árvores frutíferas foram bastante castigadas pela cheia do ano passado.

- Velho Airão - Acampamento (15 de janeiro de 2010)

Programamos alcançar Novo Airão em dois dias e decidi que o maior esforço seria no primeiro, pois eu remaria das seis às quinze horas e acamparíamos onde tivesse um morador ou comunidade próxima. O dia chuvoso impediu a tomada de fotos e transcorreu praticamente sem novidades. Avistei, de longe, o local ideal de parada e rezei para que a equipe de apoio lá estivesse. Ao me aproximar, enxerguei o Teixeira acenando e me tranquilizei. Não estava em condições de remar mais cinco quilômetros até a próxima comunidade. O Osmarino havia pescado mais quatro tucunarés que foram degustados no nosso almoço/jantar.

- Acampamento - Novo Airão (16 de janeiro de 2010)

Mantivemos nossa rotina de horário para partir e novamente enfrentamos mal tempo durante quase todo o percurso. Encontrei a equipe de apoio a meio caminho e pedi ao Teixeira que se antecipasse para fazer os contatos em Novo Airão para que, quando lá chegasse, já estivesse tudo acertado. Aportei e fui recebido com uma garrafa de refrigerante gelada o que muito me animou.

Novo Airão / Manaus

“Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam”. (Henry Ford)

Por Hiram Reis e Silva, Novo Airão, AM, 22 de janeiro de 2010.

Acordamos às cinco horas e às cinco horas e vinte minutos fui até o posto da Polícia Militar confirmar o apoio de viatura. O policial de plantão, como de praxe, não havia recebido as ordens devidas, mas consegui que a viatura estacionasse na hora combinada na ‘*Pousada Alfa*’, do senhor Raimundo, onde pernoitáramos. O carregamento e o transporte do material para a margem ocorreram sem problemas e parti, exatamente, às seis horas da manhã. Eu planejava chegar a Manaus fazendo duas paradas: a primeira, no antigo Castanheiro, atual Terra Preta, e a segunda, no Hotel de Selva Ariaú Amazon Towers.

- Partindo para Terra Preta - Castanheiro (18 de janeiro de 2010)

A viagem transcorreu sem maiores problemas. Raro movimento de embarcações nas Anavilhanas. Cheguei à Comunidade de Terra Preta por volta das onze horas e trinta minutos e me informaram que a equipe de apoio me aguardava no Centro Comunitário, em construção. Os operários estavam acampados no Centro e estavam empenhados na construção de uma Escola Municipal. Terra Preta é conhecida pela construção artesanal de pequenas embarcações e se estende por uma única rua espremida entre o barranco e a praia. O conforto adicional era que tínhamos luz das seis horas e trinta minutos até as dez horas. O grande transtorno, porém, foi o ronco de um dos operários que não permitiu que eu conseguisse dormir a noite toda.

- Partindo para o Ariaú (19 de janeiro de 2010)

Cansado, parti às seis horas e quinze minutos. O dia ensolarado, a correnteza fraca e os ventos de proa retardavam meu deslocamento. Nas paradas, com o objetivo de me refrescar, eu mergulhava o corpo nas águas turvas do Negro, mas as águas mornas não contribuíam para minha recuperação. Finalmente, recuperei o ânimo, quando avistei o rio Ariaú. Os botos vermelhos evoluíam, perigosamente, ao lado do caiaque, quase esbarrando no casco. Parei numa instalação flutuante do hotel e me informei se podia acessá-lo pelo canal. Após a confirmação, remei vigorosamente pelos três quilômetros que me separavam de meu destino. O acesso pelo rio me levou às antigas instalações do Complexo Hoteleiro e tive de procurar a recepção, no lado oposto, em busca de informações sobre a equipe de apoio. Encontrei o Teixeira e o Osmarino devidamente acomodados e providenciamos o descarregamento do caiaque. Após um banho reconfortante, do almoço e de uma breve visita às instalações, fui até o quarto pegar a máquina fotográfica, quando, então, tive um ataque de labirintite. No ano passado, o Dr Ritta, dono do Ariaú, havia prometido me receber gratuitamente no seu hotel, quando eu descesse o Rio Negro e foi justamente o que aconteceu. Podendo desfrutar do conforto e das diversas opções de lazer que o Ariaú oferece, tive de ficar de cama até o dia seguinte.

- O Ariaú Amazon Towers

“O Hotel de Selva Ariaú Amazon Towers, localizado no Município de Iranduba, Estado do Amazonas, é único na sua concepção arquitetônica, pois o mesmo é construído sobre palafitas de madeira à altura da copa das árvores. Devido a sua estrutura singular, o hotel integra-se juntamente com você e com toda a vida selvagem existente na Selva Amazônica como: macacos de diversas espécies, araras, papagaios, botos cor-de-rosa, entre outros animais da nossa fauna. Durante os 20 anos de existência, tem sido palco de eventos tais como: Cenário do filme ‘Anaconda’ da Sony Pictures, Base de Operações dos realities shows: ‘Survivor’ da CBS TV americana e ‘La Selva de los Famosos’ da Antena 3 TV espanhola, assim como de muitas outras reportagens e curtas metragens. O hotel também tem servido de base para vários eventos empresariais e educativos, com o intuito de desenvolver o conhecimento e educação sobre a Amazônia. Dentro as inúmeras atrações do Hotel, estão as excursões programadas para visitar a Selva Amazônica como: visita a casa de nativos, caminhada na selva, pesca da piranha, observação de animais de hábitos noturnos, interação com botos cor-de-rosa, sobrevôo panorâmico, encontro das águas, visita a tribo indígena, andar de carrinhos elétricos sobre as passarelas, sobrevivência na selva, visita às comunidades locais, visita à casa de nativos, entre outros. Para chegar ao Hotel dispomos de um serviço de cruzeiros para o Ariaú, percorrendo o Rio Negro e assim dando a oportunidade de você desfrutar e fotografar a imensidão da Amazônia. Disponível em dois horários diários de forma regular, tanto de ida como de retorno. O traslado está incluso no pacote.

- *Horário de saída de barco: 08:00h e 14:00h*
- *Horário de Retorno de barco: 08:00h e 14:00h*

Os pacotes incluem transporte regular do Aeroporto para o píer do Hotel Tropical, traslado fluvial de ida e volta à Manaus, drink de boas-vindas e souvenir indígena, acomodação em apartamento stander com ar condicionado, varanda privativa e banheiro com chuveiro elétrico, pensão completa (exceto Bebidas), excursões na selva conforme programação, sempre acompanhados de guias bilíngües especialistas na geografia local’. (www.ariau.tur.br)

- Partindo para o Manaus (20 de janeiro de 2010)

Acordei às seis horas um pouco melhor, arrumei as minhas coisas e preparei o caiaque para a partida. Depois do café, iniciei minha última jornada. A velocidade que eu conseguia imprimir ao caiaque fez com quem eu reavaliasse minha conduta e decidisse não fazer nenhuma parada de maneira a não atrasar muito minha chegada prevista para as duas horas da tarde na praia do Grupamento. O cansaço e a possibilidade de um novo ataque de labirintite me preocupavam. Depois de cruzar a parte mais estreita do Negro, e avistar Manaus a mais de vinte e quatro quilômetros de distância, senti um grande desânimo. Foi, então, que os golfinhos amigos, os botos tucuxis, apareceram para me animar. Um trio harmonioso evoluía num sincronismo perfeito seguido de um outro pequeno e solitário. As evoluções variavam de bombordo a boreste e passavam a poucos metros da proa do caiaque. O acompanhamento durou por mais de hora e meia e permitiu que eu desviasse, pelo menos momentaneamente, minha atenção dos problemas que enfrentava. Rumei diretamente para a concha acústica da Ponta Negra onde combinara encontrar a equipe de apoio.

Como não a avistasse, rumei diretamente para o Grupamento. A equipe da Seção de Comunicação Social havia montado um toldo e me aguardava na praia com o repórter da TV Cultura.

- Projeto Desafiando Rio-mar - 3ª Fase

Ano que vem, vamos descer o rio Amazonas das praias do 2º Grupamento de Engenharia, Manaus (Amazonas) até o flutuante do 8º Batalhão de Engenharia de Construção (8º BECnst), Santarém (Pará). A 3ª Fase visa homenagear os 40 anos do Grupamento, atualmente comandado por um grande amigo e companheiro de jornada no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (RS), em 1984, General de Brigada Lauro Luís Pires da Silva. A chegada em Santarém terá um significado igualmente especial, pois o comando do 8º BECnst estará nas mãos de um ex-cadete e parceiro de trabalho no 9º Batalhão de Engenharia de Combate, Aquidauana (MS), Coronel de Engenharia Aguinaldo da Silva Ribeiro.

O projeto já recebeu apoio do Senhor Fábio Paiva que vai doar um caiaque para ser rifado em benefício da 3ª fase do projeto. Fábio é um apaixonado por canoagem e possui a maior fábrica de caiaques do Brasil, a Opium Fiberglass, responsável pela construção de mais de quinze mil embarcações, distribuídas em todo o País.

Encontro com Thiago de Mello

Por Hiram Reis e Silva, Manaus, AM, 26 de janeiro de 2010.

"Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem, como a palmeira confia no vento; como o vento confia no ar; como o ar confia no campo azul do céu". (Thiago de Mello)

Estava distraído, selecionando alguns livros numa banca próxima ao Teatro Amazonas, quando fui surpreendido por uma imagem querida e conhecida. Todo de branco, ostentando uma bela e alva cabeleira coberta por chapéu igualmente branco, Thiago entrou na livraria com a suavidade de um anjo no paraíso. Fiquei boquiaberto e não confiando em minha percepção procurei confirmar minha expectativa com o coronel Teixeira. A expressão boquiaberta do Teixeira não deixava dúvidas, se tratava definitivamente de Thiago de Mello.

"Só se ama aquilo que se conhece e entende.

Só se defende o que se ama" (Thiago de Mello)

Cumprimentei-o e relatei minha profunda admiração pelo maior poeta do estado do Amazonas. Confirmei, com ele, as palavras que uso no fechamento de todas as minhas palestras e que ouvi em uma de suas entrevistas a uma rede de televisão - *"Só se ama aquilo que se conhece e entende. Só se defende o que se ama"*. Fiz um breve relato de nosso Projeto Aventura Desafiando o Rio-mar e o poeta se entusiasmou com a idéia. Pedi meu endereço em Porto Alegre para me enviar alguns de seus livros. O poeta mostrou-me algumas de suas obras nas prateleiras e fez um breve relato das motivações que o levam a criar determinadas poesias. Foi realmente um privilégio desfrutar, ainda que por alguns momentos, da convivência desta tão conhecida e amada personalidade amazonense.

- Amadeu Thiago de Mello

"Eu consagro a minha vida, a minha palavra falada e a minha palavra escrita, ao esforço diário de reduzir o abismo entre aqueles que comem três vezes ao dia e aqueles deserdados que desconhecem o cheiro do pão. Consagro a minha vida à união dos povos latinos. Eu fiz a opção entre o apocalipse e a utopia. Escolhi a utopia porque acredito que é possível construir uma sociedade mais justa e mais solidária". (Thiago de Mello)

Thiago de Mello, poeta amazonense e ícone da literatura regional, nasceu em Bom-Socorro, município de Barreirinha a 30 de março de 1926. Estreou, na literatura, aos 25 anos com o livro de poemas '*Silêncio e Palavra*'. Foi Adido Cultural da Embaixada do Brasil no Chile, nos anos sessenta e durante a revolução de 1964, cumpriu seu período no exílio, residindo no Chile, Argentina, Portugal, França e Alemanha. Em 1978 voltou ao Brasil e teve suas obras publicadas pela Editora Civilização Brasileira. Seu poema mais conhecido é '*Os Estatutos do Homem*'. Em 1975, seu livro *Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida*, foi premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte tornando-o reconhecido internacionalmente como um intelectual engajado na luta pelos Direitos Humanos.

Em homenagem aos seus 80 anos, completados em 2006, foi lançado, pela Karmim, o CD comemorativo *A Criação do Mundo*, contendo poemas que o autor produziu nos últimos 55 anos, declamados por ele próprio e musicados pelo seu irmão, Gaudêncio Thiago de Mello.
